São Gaspar Bertoni

Fundador dos Estigmatinos

1777 – 1853

Resumo de Sua Vida e Obra

Edição 04 – Outubro/2005

Notas:

Este resumo tem a finalidade de reunir, de forma organizada, as informações sobre a vida e obra de São Gaspar Bertoni, fundador dos Estigmatinos.

Constitui-se, basicamente, em um simples documentário, permitindo a fácil localização das informações desejadas, através de índice.

O que nos motivou a fazer esse trabalho foi simplesmente o desejo de aprofundarmos o conhecimento do exemplo de vida que nos deu São Gaspar, que, apesar de todos os obstáculos que se lhe apresentaram, realizou grandes obras e santificou-se.

As informações que constam neste presente resumo foram obtidas nos livros e documentos sobre São Gaspar e sua Congregação, e algumas foram fornecidas pelos próprios Religiosos Estigmatinos. São estes os principais livros consultados:

- "Um Cristão Cem Por Cento", de autoria de Pe.Felisberto Campagner, CSS – Editora das Escolas Profissionais Salesianas – 1981

- "Um Santo Para O Nosso Tempo", de autoria de Pe. Lidio Zaupa, CSS, com tradução de Pe. Benedito A. Bettini, CSS – Gráfica e Editora Regional, 1981.

Agradecemos a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

ÍNDICE

1. NASCIMENTO, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA....6

2. INGRESSO NO SEMINÁRIO....7

3. O AMBIENTE DE VERONA....8

4. O SEMINARISTA GASPAR....9

5. O SACERDOTE GASPAR....10

5.1. COM OS JOVENS: OS ORATÓRIOS....10
5.2. COM OS ENCARCERADOS....10
5.3. COM OS DOENTES....11

6. O CONTEXTO DE VERONA E A MISSÃO DE PE. GASPAR....12

6.1. O FECHAMENTO DOS ORATÓRIOS....12
6.2. A CRISE NO SEMINÁRIO....12
6.3. O CLERO....13
6.4. O RESSURGIMENTO DOS ORATÓRIOS....14
6.5. A GRANDE MISSÃO POPULAR DE SÃO FIRMO....14
6.6. "MISSIONÁRIO APOSTÓLICO"....15

7. A FUNDAÇÃO DE UMA CONGREGAÇÃO RELIGIOSA....16

7.1. A INSPIRAÇÃO PROVENIENTE DE SANTO INÁCIO....16
7.2. A CONFIRMAÇÃO DIVINA....16
7.3. OS PRIMEIROS PASSOS....16
7.4. A ENTRADA NOS "ESTIGMAS"....17
7.5. O CRESCIMENTO DA FAMÍLIA RELIGIOSA....18

8. A VIDA NA CASA DOS ESTIGMAS....20

8.1. OS TEMPOS INICIAIS NOS ESTIGMAS....20
8.2. A ABERTURA DA IGREJA AO PÚBLICO....21
8.3. A CRUZ ENTRA EM CASA....21
8.4. A ENFERMIDADE DE PE. GASPAR....22
8.5. OS PRIMEIROS MÁRTIRES DA CARIDADE....23
8.6. PE. BRAGATO ENVIADO EM MISSÃO....24
8.7. A VIDA DE COMUNIDADE DOS ESTIGMAS....25

9. NORMAS PARA A CONGREGAÇÃO....27

9.1. O DESENVOLVIMENTO DAS REGRAS....27
9.2. A FINALIDADE DA CONGREGAÇÃO....27
9.3. A CARIDADE FRATERNA: DISTINTIVO DA CONGREGAÇÃO....28
9.4. A SANTIDADE EVANGÉLICA....28
9.5. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO....29
9.6. O ESPÍRITO DE ABNEGAÇÃO....30
9.7. A GRATUIDADE DO SERVIÇO....30
9.8. A APROVAÇÃO OFICIAL DA CONGREGAÇÃO....31

10. A ESCOLA DOS ESTIGMAS....32

11. AS VIRTUDES DE PE. GASPAR....33

11.1. CONDICIONAMENTOS DAS VIRTUDES....33
a) A oração....33
b) O estudo....33
11.2. SINAIS DAS VIRTUDES....34
11.3. AS VIRTUDES PROPRIAMENTE DITAS....35
a) A fé....35

b) A esperança *35*
c) A caridade *36*
d) O Santo Abandono *38*
e) A Humildade *38*
f) A Castidade *40*
g) A Pobreza *41*
h) A Obediência *42*
i) A Prudência *43*
j) A Mortificação *44*
k) A Mansidão *45*
l) O Zelo *46*

12. AS DEVOÇÕES DE PE. GASPAR 48

13. O CONSELHEIRO PE. GASPAR 49

13.1. CONSELHEIRO DAS VOCAÇÕES 49
13.2. CONSELHEIRO DO BISPO DE VERONA 50
13.3. CONSELHEIRO DE TODOS 51

14. O INCENTIVO À FUNDAÇÃO DE ORDENS RELIGIOSAS 52

14.1. LEOPOLDINA NAUDET E MADALENA DE CANOSSA 52
14.2. PADRE ROSMINI 54
14.3. TEODORA CAMPOSTRINI 55
14.4. PE. NICOLA MAZZA 55
14.5. PE. BRESCIANI 56
14.6. PE. PROVOLO 56

15. ENFERMIDADE E MORTE DE PE. GASPAR 58

15.1. A PRIMEIRA GRAVE ENFERMIDADE 58
15.2. SEGUNDA GRANDE ENFERMIDADE: AS FERIDAS NA PERNA 58
15.3. SUA ÚLTIMA ENFERMIDADE 59
15.4. A MORTE DE PE. GASPAR 61
15.5. O SEPULTAMENTO DE PE. GASPAR 62
15.6. A ENFERMIDADE COMO "ESCOLA DE DEUS" 62

16. AS GRAÇAS OBTIDAS POR INTERCESSÃO DE PE. GASPAR 65

16.1. GRAÇAS ALCANÇADAS COM PE. GASPAR AINDA EM VIDA 65
a) A cura do Pró-Vigario de Verona *65*
b) A cura da doença incurável *65*
c) A cura do Pe. Jacomo Accordini *65*
d) A cura do médico dos Estigmas *65*
16.2. A CURA DA PERNA ACIDENTADA 66
16.3. A CURA DO IRMÃO DO PADRE ESTIGMATINO 66
16.4. A CURA DOS FURÚNCULOS NA CABEÇA 66
16.5. A CURA DO GAROTO COM NEFRITE AGUDA 66
16.6. A CURA DO ESTUDANTE ESTIGMATINO 66
16.7. A CURA DO SR. RAIMUNDO ZANATA 66
16.8. A CURA DO SEMINARISTA ESTIGMATINO JOSÉ ANSELMI 67
16.9. A CURA DA QUEIMADURA GRAVE 67

17. A GLORIFICAÇÃO DE PE. GASPAR 68

17.1. O TITULO DE VENERÁVEL 68
17.2. A BEATIFICAÇÃO 68
17.3. A CANONIZAÇÃO 68

18. A CONGREGAÇÃO DE PE. GASPAR 69

18.1. A APROVAÇÃO OFICIAL 69
18.2. O DESENVOLVIMENTO DA CONGREGAÇÃO 69

18.3. A CONGREGAÇÃO NO BRASIL 70

APÊNDICE I - ORAÇÃO A SÃO GASPAR BERTONI 71

(Com aprovação Eclesiástica) 71

APÊNDICE II - ORAÇÃO PARA ALCANÇAR GRAÇAS DE SÃO GASPAR BERTONI 72

APÊNDICE III - DATAS IMPORTANTES PARA A CONGREGAÇÃO 73

1. RELACIONADAS À PESSOA DO FUNDADOR, PE. GASPAR BERTONI 73
2. RELACIONADAS À FUNDAÇÃO E APROVAÇÃO DA CONGREGAÇÃO 73
3. RELACIONADAS A OUTRAS OBRAS DO FUNDADOR 73
4. RELACIONADAS À EXPANSÃO DA CONGREGAÇÃO NO MUNDO 73
5. RELACIONADAS À EXPANSÃO DA CONGREGAÇÃO NO BRASIL 74

APÊNDICE IV - CELEBRAÇÕES ESPECIALMENTE IMPORTANTES PARA A CONGREGAÇÃO ... 76

1. Nascimento, infância e adolescência

Gaspar Luís Dionísio Bertoni nasceu na tarde de 9 de outubro de 1777, a cem metros da Paróquia de São Paulo in Campo Marzo, em Verona.

Sua mãe, Brunora, que trazia a sensibilidade e a suavidade típica da gente do lago, passaria por um profundo sofrimento, devido ao gênio rude e a incapacidade do marido de administrar os bens da família.

Tendo o pai rompido com toda a parentela, tiveram que segui-lo, retirando-se para o campo. Voltaram 2 anos depois, quando era chegado o momento do período escolar para o menino.

Aos 9 anos, Gaspar perdeu a irmã Metilde, de 3 anos, vitimada pela varíola, que infestava Verona. Foi um acontecimento dramático em sua vida.

No final de 1788, aos 11 anos, recebeu a primeira Comunhão, e a lembrança daquele encontro permaneceu viva durante toda a sua vida, tanto é que, 20 anos depois, já sacerdote, escrevia em seu memorial privado: “Grandíssima devoção e afeto como no dia da primeira Comunhão, e que nunca havia tido depois”.

Depois de freqüentar o primeiro grau, o menino Gaspar iniciou os estudos de Humanidade, aos quinze anos.

Desde a tenra idade, surpreendia a todos o seu especial interesse pelo mundo da gente pobre, e a sua paixão pela Eucaristia. Jamais faltava a visita cotidiana a Igreja, sendo este o meio mais seguro para colocar aos pés do tabernáculo suas alegrias e esperanças, e encontrar forças para superar as dificuldades típicas da adolescência.

2. Ingresso no Seminário

Foi o pároco de São Paulo, Pe. Francisco Girardi, que convidou o jovem de 18 anos para fazer uma doação total de sua vida ao Senhor.

Gaspar viu nas palavras do pároco o convite de Deus e não mais hesitou: no dia 3 de novembro de 1795 começou a freqüentar, como aluno externo, o curso de Teologia no seminário.

Igreja de São Paulo em Verona

3. O ambiente de Verona

Sendo Verona uma cidade de fronteira, seu domínio era disputado pelos franceses e austríacos, e a cidade acabou sendo palco de tumultos e desordens.

O exército de Napoleão Bonaparte, cujo avanço pela Itália setentrional parecia não encontrar obstáculos, ocupou a cidade em junho de 1796.

Em 1797, na segunda-feira de Páscoa, o já clérigo Gaspar ouvia os primeiros tiros de canhões, significando que os veroneses rebelavam-se contra seus novos "patrões".

Finalmente, após as trágicas "Páscoas veronesas", quando já se contavam mortos mais de cem franceses e vinte e seis veroneses, Verona, abandonada pela República de Veneza, teve que ceder aos franceses, que a ocuparam militarmente.

Mas o tratado de Campoformio, de 17 de outubro de 1797, havia selado a "venda" do Estado Vêneto à Áustria, e a cidade de Verona foi ocupada pelos austríacos em janeiro de 1798.

Os conflitos entre os dois exércitos, austríaco e francês, eram contínuos, e numerosas as batalhas para ter o domínio sobre Verona.

Depois de uma nova desventura dos franceses, a cidade foi dividida em duas com o tratado de Luneville (em 09 de fevereiro de 1801), sendo o Ádige, que atravessa a cidade de norte a sul, o seu limite natural.

Aos franceses cabia o centro histórico, com cerca de 36.000 habitantes, e aos austríacos a margem esquerda, com todos os castelos, chegando a ter pouco menos de 20.000 habitantes (daí o nome de Veronetta).

Mas Verona estava destinada a não conhecer uma paz duradoura ainda por diversos anos: exércitos em ordem de guerra a atravessavam continuamente, e os feridos dos vários frontes chegavam sempre mais numerosos aos vários hospitais da cidade.

A derrota do príncipe Eugênio, amigo dos franceses, em 1809, fazia pressagiar uma derrota de todo o exército francês, o que era esperado por muitos, no âmbito eclesiástico, porque no ano anterior Napoleão havia ocupado parte do Estado Pontifício e obrigado Pio VII ao exílio forçado em Savona.

O anticlericalismo, que fundava suas raízes nas novas doutrinas do ilusionismo e da revolução, ia se firmando também nas camadas mais aristocráticas da cidade.

Em 1814, os revezes napoleônicos vieram a confirmar as previsões, determinando uma nova geografia, com a Áustria dominando o cenário europeu, e os austríacos entravam como vencedores em Verona, para uma posse estável.

O Congresso de Viena, que havia constituído o Reino Lombardo-Vêneto como associado do império austro-húngaro, foi saudado entusiasticamente pela maior parte dos veroneses.

O bispo D. Lirutti agradecia com uma mensagem o imperador austríaco porque a nova acomodação política havia trazido "novos céus e nova terra a Verona". Porém, durou pouco o entusiasmo, pois o bispo percebeu quanto eram pesadas as ingerências da autoridade civil em matéria religiosa.

4. O seminarista Gaspar

Nesse tempo de violência, o jovem Gaspar, com outros companheiros do Seminário, passava o tempo livre nos hospitais, entre feridos e doentes: foi um período de grande generosidade e de total dedicação.

Durante o curso teológico, empenhou-se, além do estudo, também como catequista, na Paróquia de São Paulo; foram-lhe confiados os meninos que se preparavam para a primeira comunhão. Sua vocação como “missionário dos meninos” já estava claramente assinalada.

Gaspar concluiu o curso teológico aos 21 anos. Já estava maduro para uma nova etapa da sua vida, e em 9 de março de 1799 recebeu a ordem do subdiaconato, e um ano depois, em 12 de abril, foi ordenado diácono.

Justamente neste ano, um drama familiar ainda marcaria profundamente a vida de Gaspar: a separação dos pais, decidida de comum acordo entre eles.

Ainda no mesmo ano de 1800, aos 20 de setembro, próximo de completar 23 anos, Gaspar recebia a ordenação sacerdotal.

5. O sacerdote Gaspar

5.1. Com os jovens: os Oratórios

Em meio à situação de conflitos e violência que agitava Verona, Pe. Gaspar, que havia assumido os cuidados dos jovens da Paróquia de São Paulo, encontrou-se diante de uma realidade dramática: as contínuas devastações dos exércitos haviam reduzido à miséria a maior parte da população.

No meio de tudo isso, quem mais sofriam eram os jovens, com a falta de escolas e o fechamento de toda atividade artesanal ou comercial, que haviam provocado desemprego e dificuldades de todo gênero.

A mendicância havia se tornado comum a muitos, mesmo aos mais jovens; os trombadinhas não tinham mais número. Eram bandos de meninos e meninas que se espalhavam pela cidade, metendo medo.

Pe. Gaspar não se perguntou o que poderia fazer, mas começou imediatamente a interessar-se pelos jovens.

Assim, iniciou a sua missão junto à juventude, reunindo-os e incentivando-os, com iniciativas constantes: boas leituras, sólidas exortações espirituais, momentos de entretenimento e de jogos.

O grupo ia crescendo, e Pe. Gaspar começou a fundar Oratórios, cuja finalidade não era apenas a de santificar a preparação para a Missa ou para o Catecismo, mas também a de entreter os jovens por todo o dia com cantos e jogos.

Todos os matriculados no Oratório deviam distinguir-se pelo esforço e constância, freqüentar a escola, ou estar encaminhados para as “artes e ofícios”.

Para Pe. Gaspar não existiam meias medidas: um jovem que se doou a Deus devia revelar isto claramente, com sua vida.

Os frutos eram logo percebidos, pois as famílias não ficavam satisfeitas enquanto seus filhos não fossem matriculados no Oratório. Os patrões, quando percebiam que um jovem era recomendado por Pe. Gaspar, ficavam felizes em recebê-lo em sua oficina.

O Oratório de São Paulo tornou-se famoso em toda a cidade, e o trabalho estava destinado a crescer enormemente. Surgiram, em breve, os Oratórios de S. Estevão, dos Santos Nazário e Celso, de S. Anastácia e de S. Jorge.

Pe. Gaspar instituiu uma estrutura particular que chamou “Coorte Mariana”, pela particular proteção que havia pedido a Maria para seus jovens. Esta idéia, que precedeu os tempos, foi assumida em nosso século pelo movimento da Ação Católica.

5.2. Com os encarcerados

Também naquele tempo os cárceres viviam superlotados: presos políticos, delinqüentes comuns, menores desviados etc não faziam mais do que multiplicar incômodos e violências de todo tipo.

Conforme nos relata seu biógrafo: “Nos cárceres, Pe. Gaspar visitava e confortava os transviados, e, com a doçura da exortação e da instrução, levava-os não somente a suportar com paciência o castigo merecido, mas a agradecer ao Senhor, porque, na sua sabedoria e caridade, serviu-se daquele meio para reconduzi-los ao caminho certo, dando-lhes uma liberdade maior: a graça de Deus”.

5.3. Com os doentes

Em 1806 as autoridades públicas decidiram abrir um pequeno hospital perto da Torre del Bartello della Vitoria, para os doentes.

Os recursos disponíveis eram irrisórios. Por outro lado, se era difícil o encontro com os sãos, tornava-se pior com os doentes: toda esperança se desvanecera, multiplicavam-se as imprecações por uma vida privada de satisfações, maldizia-se a Deus por um destino tão amargo.

Foi chamado então o jovem Pe. Gaspar, pelo interesse e o empenho que prodigalizara em favor desta humanidade humilhada e sofredora.

Foi necessária toda a paciência e caridade do jovem padre para dar um pouco de serenidade a um ambiente condenado ao desespero e à morte.

Não perdeu a coragem: com o médico responsável, começou um trabalho de assistência e de conforto, que levou um pouco de serenidade e de resignação a tantas almas sofredoras.

6. O contexto de Verona e a missão de Pe. Gaspar

6.1. O fechamento dos Oratórios

A experiência com os Oratórios sofreu uma brusca freada em maio de 1807, quando um decreto do governo napoleônico proibiu em todo o reino “as confrarias, as congregações, as companhias e, em geral, todas as sociedades religiosas leigas...”.

Pe. Gaspar teve de suprimir toda forma de organização externa e continuar a atividade somente no âmbito Paroquial, também porque surgiu uma vigilância especial do diretor de polícia, que não omitiu “desconfianças, ameaças, suspeitas, ordem de vigilância particular sobre Pe. Gaspar Bertoni”.

A redução do compromisso com os Oratórios permitiu a Pe. Gaspar uma assistência mais contínua e freqüente aos feridos e doentes que continuavam a chegar na cidade. Como os hospitais não eram mais suficientes para conter o número crescente de pacientes, as igrejas e os conventos abriram suas portas para acolher os necessitados.

Sobre os doentes, Pe. Gaspar escreveria, posteriormente, em seu “Memorial Privado”: “O nosso mundo é um grande hospital de doentes: todos se queixam, mas ninguém acaba sarando, mesmo quando há um remédio adequado. Este remédio é a oração, a qual não se faz ou se faz normalmente mal”.

6.2. A crise no Seminário

Em 1809, a vida do Seminário tinha sido seriamente comprometida por um péssimo pró-reitor, que foi afastado de seu cargo com a intervenção da polícia. Somando-se a este fato, as feridas provocadas pelas novas doutrinas ainda estavam abertas, e o seminário tornara-se palco de uma mistura de maus costumes e desordens.

Foi então que, em maio de 1810, o bispo D. Lirutti manifestou a Pe. Gaspar o propósito de confiar à sua sabedoria e capacidade de discernimento a direção espiritual dos seminaristas. O nosso santo tentou a todo custo apresentar as dificuldades e os limites de sua pessoa para um encargo tão delicado, mas a firmeza do bispo não conheceu obstáculos.

Pe. Gaspar começou a nova obrigação com a pregação dos exercícios espirituais. Estavam presentes 143 estudantes internos e 25 externos, dos quais 60 de Teologia, além de diversos sacerdotes, que aproveitaram aquela ocasião para retemperar seu espírito.

Sem meios termos, denunciou a situação grave de alguns eclesiásticos de vida mundana, feita de frivolidades e de vaidades; o mau costume do clero de ir “mendigar auxílios e proteção junto aos ricos e poderosos a preço de um servilismo degradante”.

Insistia sempre em que os seminaristas deveriam dedicar-se à oração; ele, que havia chegado a uma união com Deus verdadeiramente intensa e singular, não economizou duras censuras a quem não sabia dar um pouco do seu próprio tempo a Deus.

Durante anos Pe. Gaspar desenvolveu esse encargo de diretor espiritual, trabalhando duramente na reforma do Seminário, que custou a ele fadigas e orações contínuas, mas deu-lhe também consolações.

Em 1815, o historiador Sommacampagna escrevia: “O Seminário é um mosteiro de monges mais que de jovens eclesiásticos”, pois de tal modo transparecia a ordem, a disciplina e os ideais mais sublimes dos conselhos evangélicos”.

6.3. O Clero

No momento em que o anticlericalismo estabelecia-se cada vez mais na cidade, a diocese de Verona ficou também privada da orientação de seu bispo, D. Avogadro, que tinha se demitido do cargo.

Não era fácil a nomeação de um sucessor, porque as idéias revolucionárias da França, penetrando na Itália, tinham feito degenerar a mentalidade religiosa não só dos seminaristas, mas também de vários padres. Os maus exemplos dos sacerdotes atingiam de maneira extremamente negativa os alunos do seminário, que por sua vez também se indisciplinavam e se entregavam a tristes desmandos.

Havia padres que freqüentavam bailes, que saiam mascarados, que cometiam crimes, que se embebedavam, que se intrometiam na política, que se davam à desonestidade e à apostasia. Havia outros que não chegavam a tanto, mas, influenciados pelo novo e deletério ambiente, fizeram-se relaxados em seus deveres sacerdotais.

Esses exemplos destrutivos, entrando pelo seminário, arrasavam as vocações, ainda imaturas, dos seminaristas, e provocavam neles a simpatia por aquela confusão toda.

Chegou, por fim, o novo bispo de Verona, Dom Innocenzo Lirutti, em 1808, e publicou uma carta pastoral em que proibia os sacerdotes de “usar máscaras, freqüentar teatros, comédias e bailes”, sob pena de suspensão imediata “a divinis” (a proibição de exercer o ministério sacerdotal).

Aos 25 de abril de 1810, Napoleão, com um decreto de supressão de todas as ordens religiosas masculinas e femininas, infringia um duro golpe na própria vida da Igreja. O intento era golpear as forças religiosas mais vitais, para domesticá-las à sua vontade.

Os perigos daí decorrentes foram muitos: dentro da própria Igreja não faltavam divisões e defasagens; cardeais vermelhos ou negros, segundo sua adesão ao Papa ou ao imperador; sacerdotes mais interessados na carreira e na aquisição de riquezas que no serviço pastoral; fieis desarvorados pela incredulidade e pelos maus costumes. Tornava-se cada vez mais urgente uma profunda renovação que partisse do seio da própria Igreja.

O Bispo D. Lirutti recolheu, então, alguns desses eclesiásticos no Seminário, para que, através da penitência e da conversão, reencontrassem as motivações profundas de sua vocação sacerdotal.

Nesta ocasião, por volta de 1812, Pe. Gaspar havia sido acometido por uma gravíssima doença contagiosa, a miliar, e em poucos dias chegou à beira da morte. Mas ele era “tão venerado junto ao clero e ao povo, que foi uma oração unânime para que o Senhor devolvesse a saúde a um ministro tão trabalhador, a uma alma tão cara e preciosa”.

Dois dias depois de ter ditado suas últimas vontades ao tabelião, Pe. Gaspar estava fora de perigo. O projeto a que Deus o orientava estava apenas esboçado e não havia chegado ainda o momento da chamada definitiva.

Quando D. Lirutti o viu na casa episcopal, alegrou-se pela prova superada, e confiou a ele a direção espiritual dos padres que ele havia recolhido no Seminário para correção, além dos seminaristas, os quais ele já dirigia espiritualmente. Declarou também que o queria pregador dos exercícios espirituais de Santo Inácio, dentro do mesmo seminário.

Pe. Gaspar pediu ao bispo que não o nomeasse para pregador, pois não se sentia preparado; mas, diante da confirmação de seu nome pelo bispo, obediente curvou-se à decisão do prelado. Preparou-se devidamente, e, no dia marcado, iniciou o retiro extravasando nas pregações não só o conteúdo dos exercícios, mas também o seu calor íntimo de virtude e de vivência em Deus. Tanto que o resultado, ao fim do retiro, foi dos melhores e dos mais raros.

A recuperação do clero e a reconstrução da vida cristã e eclesiástica foi se realizando rapidamente. Tanto isto é verdade que, alguns anos depois, o clero de Verona se havia tornado exemplar e o seminário podia ser considerado uma forja de sacerdotes zelosos e modelares.

É claro que não se pode atribuir todo o mérito da reforma unicamente a Pe. Gaspar. Outros sacerdotes virtuosos trabalharam lado a lado para atingir tão elevado objetivo, como: Leonardi, Fortis, Provolo, Steeb e outros, além dos zelosos bispos D. Lirutti e D. Grasser, que se sucederam na direção da diocese de Verona. A Pe. Gaspar coube uma parte bem audaciosa e difícil, nesse trabalho tão importante e urgente, dentro do ambiente do clero veronês do seu tempo.

Vem, a propósito, aquele trecho da Sagrada Escritura: "Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem faz crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho." (1Cor 3,6-8).

Sobre este trecho, Pe. Gaspar comenta: "Ninguém, mesmo se chamado a missão extraordinária, julgue estar sozinho; encontrará, pela caminhada, muitíssimos companheiros, impregnados de igual e maior espírito do Senhor".

6.4. O ressurgimento dos Oratórios

Em 1814, quando os austríacos tomaram posse de Verona, após os revezes franceses, a mudança de situação política dava novo respiro a muitas iniciativas católicas. Assim, reviveram também os Oratórios Marianos, que haviam conhecido anos de silêncio e de inatividade em toda a cidade.

Pe. Gaspar pode, então, voltar a intensificar sua atividade com os jovens, a qual, na verdade, jamais havia abandonado.

No entanto, não se poderia imaginar que, de uma hora para outra, a situação ficasse totalmente propícia, devido às interferências da autoridade civil em matéria religiosa.

6.5. A grande missão popular de São Firmo

Em maio de 1816 uma outra experiência particular iluminou o projeto que, devagarinho, Deus estava revelando a Pe. Gaspar: a grande missão de São Firmo.

Convém recolocarmo-nos dentro daquele ambiente que já descrevemos acima, quanto ao contexto de Verona: por quinze anos, e até mais, tinha-se repetido a palavra "liberdade", entendida como libertação de toda a lei de Deus, e, portanto, como libertinagem. Para os divulgadores daquela falsa doutrina, já não era preciso ter medo do inferno, nem pensar em pecado, em ofensa a Deus. Todos passavam a ser completamente livres.

Além disso, em 1816, Verona, como outras regiões da Itália e da Europa, curtia as amarguras da fome, devido à carestia tremenda e ampla, que parecia advertir os homens acerca daqueles desmandos da liberdade.

Como resultado, havia muita gente que, feita a experiência do descontrole, ou prejudicada pelos libertinos, sentia um gigantesco enjôo de toda esta situação sem Deus e sem moral. Como o filho pródigo do lar paterno, em meio à penúria e aos porcos (Lc 15,11-32), ansiavam por um retorno ao Pai sábio e misericordioso.

Para grandes males, grandes remédios. As autoridades religiosas de Verona receitaram extensas missões populares. Na Paróquia de São Firmo, as missões tiveram por dirigente um valoroso missionário, o Cônego Luigi Pacifico Pacetti, que teve como digno auxiliar neste importante ministério o Pe. Gaspar Bertoni.

A missão durou de 4 a 25 de maio. Contudo, os trabalhos dos dois pregadores não se desenrolaram tão pacificamente como se poderia imaginar. O Cônego Pacetti comentou que sofreu na missão de São Firmo dificuldades tão fortes que pareciam provir do inferno inteiro: dificuldades causadas por pessoas malévolas, que espalharam falatórios de todo o gênero contra a missão!

A situação chegou a tal ponto que o bispo ordenou a suspensão das pregações. Mas, entrando em ação os que se interessavam pela continuação da missão, conseguiram que ele retirasse a ordem. Ele concordou, com a condição de que se eliminassem os sermões dialogados.

Naquele tempo, estava em uso esse tipo de sermão, que consistia de dois pregadores, um apresentando objeções contra a doutrina da Igreja e o outro mostrando, com argumentos, o erro das objeções e apontando a doutrina certa. Contudo, esse sistema culminava em grande perigo, pois, se o pregador que representava o erro fosse mais eloqüente do que o que defendia a doutrina, o povo guardava mais facilmente o erro do que a verdade.

A missão de São Firmo então prosseguiu, tendo por pregador apenas um de cada vez, eliminados completamente os sermões dialogados. Chegou ao fim, no dia programado, 26 de maio, e foi tão grande o bom resultado desta missão que o bispo solicitou que fosse feito um tríduo de agradecimento a Deus.

Contudo, as maquinações dos adversários do bem, os quais já haviam tentado impedir a realização das missões, conseguiram convencer o governador, residente em Verona, a suspender o tríduo no seu segundo dia.

Pe. Gaspar, logicamente, obedeceu a ordem, mas, como sabia que aquela proibição vinha incitada pela maldade da calunia, descobriu logo um jeito para substituir o tríduo pela Via Sacra, que não tinha sido proibida... E, com a sua habilidade oratória, a sua inteligência extraordinária, o seu conhecimento de Teologia e da Sagrada Escritura, conseguiu, com toda facilidade, fazer em cada estação reflexões tão bem adaptadas, que, na verdade, a Via-Sacra foi transformada numa espécie de recapitulação das missões, sem, no entanto, se desviar da meditação de cada um de seus passos.

No ano seguinte, os mesmos dois pregadores, Cônego Pacetti e Pe. Gaspar, desta vez acompanhados do virtuoso e muito preparado Pe. Leonardi, pregaram o Oitavário, de 8 a 16 de maio. De certo modo, o Oitavário trouxe à memória do povo a lembrança das missões de 1816.

Por esse dinamismo apostólico de Pe. Gaspar, somado à ação incansável de outros colegas de sacerdócio, Verona mudou de fisionomia: a mesma transformação espiritual que se realizou no clero também se efetuou nos fiéis e nos pecadores em geral.

6.6. “Missionário Apostólico”

Como conseqüência das atividades missionarias de São Firmo, o Cônego Pacetti pediu à Santa Sé, em favor de Pe. Gaspar, o título, muito merecido, de MISSIONÁRIO APOSTÓLICO. Ele aduziu, como razão deste pedido, o fato de que Pe. Gaspar havia pregado missões, por várias vezes, junto com ele, e que sempre se demonstrou zeloso no trabalho, sábio e seguro na doutrina, recomendável na vida exemplar. A Santa Sé atendeu o pedido do cônego e conferiu a Pe. Gaspar o honroso título em 20 de dezembro de 1817.

7. A fundação de uma Congregação religiosa

7.1. A inspiração proveniente de Santo Inácio

Pe. Gaspar deixou escrito, nos seus apontamentos, um trecho, datado de 1808, no qual sugere ter recebido inspiração do Alto, com referência à fundação de uma congregação religiosa.

Este trecho fala de Santo Inácio, que foi o fundador da Ordem dos Jesuítas, que havia sido suprimida em 1773, devido a uma bem organizada perseguição contra ela, e cuja suspensão ainda vigorava no ano em que foi escrito.

Eis o trecho citado:

"Numa visita ao altar de Santo Inácio, com os meus companheiros, experimentei muita devoção e recolhimento, mais alguma suavidade interna e alguma lágrima, embora a visita fosse breve. Parecia-me que o santo me acolhia com boa sombra e me convidava a promover a maior gloria de Deus, seguindo os mesmos caminhos, mas não por todos os modos, como ele fez. Parecia-me que nos queria dizer: "Coragem, soldados de Cristo, armai-vos de fortaleza, pegai do escudo da fé, do capacete da salvação, da espada da palavra e pelejai contra a antiga serpente, fazei reviver em vós o meu espírito, e também nos outros por vosso intermédio".

Nestas palavras de Pe. Gaspar lê-se uma inspiração proveniente de Santo Inácio, e que este santo o instiga a reavivar, numa CONGREGAÇÃO RELIGIOSA, a mentalidade parecida com a que ele mesmo havia instilado na Ordem dos Jesuítas.

7.2. A confirmação divina

Pe. Gaspar não se cansava de orar a Deus. Precisava entender bem claro se a Sua vontade sacrossanta era, de fato, que ele fundasse uma congregação religiosa.

Um dia, Deus respondeu-lhe através de uma visão. Fez saber-lhe que, verdadeiramente, Sua vontade era que ele, Pe. Gaspar, instituísse uma congregação de religiosos.

O próprio fundador contou o acontecimento ao Pe. Marani, por volta de 1812. Realmente, ele não gostava de comunicar a ninguém suas intimidades com Deus, mas decidiu-se a abrir o seu segredo ao Pe. Marani porque visava manter em sua companhia um certo grupo de padres, amigos íntimos. Com eles, tencionava iniciar a sua Congregação.

7.3. Os primeiros passos

Em 1816, já com a idéia da fundação da congregação em mente, com maior assiduidade Pe. Gaspar começou a reunir em sua casa sacerdotes, e também alguns seminaristas, tomando como pretexto o estudo da Teologia.

A turma inicial que se reunia com ele era formada por: Pe. Mateus Farinati, Pe. Caetano Allegri e Pe. Giovanni Maria Marani, mais o seminarista Nicola Mazza. Com o tempo, surgiu no grupo mais um elemento: o seminarista Luís Bragato.

Como os tempos eram bem difíceis, por causa das artimanhas da heresia chamada "Jansenismo", eles se preparavam em tais reuniões para combater aquelas aberrações religiosas, as quais tinham transtornado a mentalidade do povo, e até de sacerdotes.

Por aceitação geral, o líder dos estudos era sempre Pe. Gaspar. Estudavam com afinco os ensinamentos de Santo Tomás de Aquino, quanto à Teologia Dogmática; a doutrina prudente e suave de Santo Afonso de Ligório, quanto à Teologia Moral. Aprofundavam seus conhecimentos acerca da Sagrada Escritura. Na literatura italiana, de que necessitavam para

falar nos sermões e conferências, enfronhavam-se nas riquezas literárias da obra de Dante Alighieri, o célebre autor da “Divina Comédia”.

Mas não se pense que tudo isso era fácil: as reuniões de pessoas eram proibidas; a policia desmantelava os grupos que encontrasse. Somente a intervenção do bispo diante das autoridades, provando que aquelas reuniões só tinham motivos de estudo e não de política, conseguiu atenuar as suspeitas da polícia.

As circunstâncias, portanto, não favoreciam de maneira alguma a intenção de Pe. Gaspar, que ia se formando, de fundar uma congregação religiosa. Todos os conventos haviam sido fechados, e expulsos os religiosos, de sorte que era proibido existir uma congregação religiosa, qualquer que fosse.

Entretanto, Pe. Gaspar sabia que era vontade de Deus que fundasse uma congregação religiosa. Por isso, nada temeu. Deu tempo ao tempo. Enquanto o tempo corria e se esperavam melhores condições, ele e os seus primeiros companheiros iam se preparando no estudo e na piedade.

A experiência comunitária amadureceu claramente em Pe. Gaspar o desejo de partilhar com outros padres e seminaristas um estilo de vida religiosa mais intensa. Torna-se mais clara a obra a que Deus está para chamá-lo: viver com mais alguns observantes o espírito dos conselhos evangélicos.

É extraordinária a visão profética que o acompanha; em um período em que as Ordens religiosas são supressas e todas as instituições católicas são colocadas de lado, ele começa uma experiência de vida comunitária, de confronto e de empenho com alguns entre os mais zelosos eclesiásticos de então.

7.4. A entrada nos “Estigmas”

O ano de 1816 marcou uma mudança decisiva na vida de Pe. Gaspar. Em 4 de novembro, ele e alguns companheiros estabeleceram-se em um edifício recebido por doação, destinado a servir de escola, e, muito mais, a ser o berço da congregação religiosa que ele iria fundar.

Escola, Casa e Igreja dos Estigmas em Verona

Este prédio era denominado “Casa dos Estigmas”, porque a Igreja anexa era dedicada às Chagas de São Francisco de Assis. Como se sabe, São Francisco recebeu, em seus membros, as cinco chagas, ou estigmas, ao modo daquelas que feriram mãos, pés e peito de

Jesus. Dai então o nome da Escola, do Convento e, com o correr do tempo, também da Congregação fundada por Pe. Gaspar: “Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A finalidade de escola era para suprir as necessidades dos mais pobres e de mais baixa condição social, os quais não encontravam vagas nas escolas de Verona. Vivendo em constante contato com Deus, Pe. Gaspar tinha, por esta razão, um grande senso da realidade. Percebeu o problema, e, na medida das suas forcas, tentou resolvê-lo. No capítulo referente à escola trataremos com maiores detalhes deste assunto.

Com Pe. Gaspar entraram nos Estigmas, naquele frio 4 de novembro: Pe. Giovanni Maria Marani, seu velho discípulo, e o torneiro Paulo Zanolli, com apenas 23 anos, de São Firmo, que passou a ser cozinheiro e almoxarife, sem nada entender do riscado.

7.5. O crescimento da família religiosa

Um mês mais tarde juntava-se ao pequeno grupo também o Pe. Michelangelo Gramego, que, com seu espírito jovial, será “a delícia da nascente congregação”.

No dia 1º. de janeiro de 1817 será a vez do Pe. Mateus Farinati, de temperamento mais calado, mas que “servia para tudo”.

Em outubro do mesmo ano a Providencia enviou um outro padre para a nascente comunidade: Pe. Caetano Brugnoli, arquiteto, que se tornará precioso para a restauração dos imóveis, fechados desde há muito tempo.

Em outubro de 1818 juntou-se ainda ao pequeno grupo o Pe. Luís Bragato, que se tornaria o “filho predileto” de Pe. Gaspar.

Aos 14 de marco de 1822 entrou nos Estigmas Pe. Francisco, dos Condes Cartolari. Abandonando as riquezas e as comodidades da nobre família veronesa, da qual, como primogênito, tornara-se um ano antes administrador, escolheu a pobreza dos Estigmas, fascinado pelo estilo de vida de Pe. Gaspar.

Dotado de grande capacidade, preferia sempre os ofícios mais humildes, dizendo: “Este e o meu alimento!”. O estilo de vida não mudou com o recém chegado. Irmão Zanolli continuou preparando seus pratos vegetarianos, e Pe. Francisco saboreava aquele alimento sempre reduzido com um sentido de gratidão a quem oferecia.

Para enrubescê-lo, bastava lembrar-lhe a nobreza do seu nascimento. O “pobrezinho dos Estigmas” sabia sentir-se bem diante de todas as privações, porque aqui “havia encontrado o tesouro escondido no campo”.

O ambiente de trabalho, depois da abertura da Igreja ao público, tornou-se totalmente insuficiente, também porque, em 1823, a escola chegou a formar um ginásio completo, com cerca de 130 alunos. Foi então que o Pe. Brugnoli projetou a construção de uma parte do convento para habitação dos padres. Os alunos poderiam assim dispor de salas de aula e de espaços mais amplos para todas as suas atividades.

A paixão pelos jovens multiplicava as iniciativas de Pe. Gaspar, que decidiu instituir, a convite do pároco, também nos Estigmas, um Oratório Mariano, que tornou-se para os outros oratórios da diocese um ponto de referência constante: todo domingo de manhã seguiam-se à Missa o catecismo e outras práticas de piedade.

Aos 25 de julho de 1824, passados cerca de 8 anos da fundação do Instituto, vai juntar-se a eles e a Pe. Gaspar o Pe. Modesto Cainer. Destemido e confiando em Deus, seguia as pegadas do exemplo dos primeiros.

Mais cinco anos passados, em 1829, aos 11 de novembro de 1829, agrega-se àquela turma de virtuosos religiosos o Pe. Francisco Benciolini, jovem cheio de entusiasmo e de amabilidade.

Aos 2 de setembro de 1830, chega novo personagem para aquela vida de cristãos de fibra: Pe. Inocencio Venturini, que se tornaria um incomparável catequista popular, especialmente na língua dialetal.

Aos 27 de marco de 1831 entrava no silencio dos Estigmas Pe. Vicente Raimondi, professor de Teologia, suscitando maravilha e admiração em toda Verona.

Faziam também parte da comunidade dois seminaristas, Carlos Fedelini e Luís Biadego, que, terminado o curso de Teologia, prosseguiram sua formação cientifica, que continuariam mesmo depois da ordenação sacerdotal.

Aos 22 de abril de 1834 Pe. Gramego registra o vigésimo ingresso nos Estigmas: e um jovem de 17 anos, João Batista Lenotti, que Pe. Gaspar acolheu “com toda expansão do seu coração fraterno”.

Alguns meses depois, aos 29 de junho, era a vez de um outro estudante, Luís Ferrari, sobre o qual Pe. Gramego anotou nas memórias: “Veremos se agüentará!”.

Mais pessoas continuaram a acorrer para viver naquele convento bendito: o Irmão Coadjutor Ângelo Casella e o Pe. Inocencio Raimondi, que era professor no seminário diocesano.

Aquele gênero de comportamento, repassado de penitência e severidade, não era abraçado por mero desejo de faquirismo, simples e vaidosa ostentação de insensibilidade e coragem, mas realmente por uma razão muitíssimo mais alta, pelo amor total a Jesus. Por isso, ele se transforma, muda a sua feição de pavor e passa a adquirir belezas nunca imaginadas. Tem a capacidade de realizar a personalidade cristã do homem, como realizou a de Pe. Gaspar Bertoni e a de seus seguidores, os religiosos da Casa dos Estigmas em Verona.

8. A vida na Casa dos Estigmas

8.1. Os tempos iniciais nos Estigmas

O começo foi difícil. A Igreja e os imóveis anexos tinham necessidade de uma imediata reforma, porque, por muitos anos, desde a supressão da "Confraria dos Estigmas", aqueles locais ficaram fechados e abandonados.

A pequena comunidade alojou-se na casa do guarda, atrás da Igreja, no beco dos Estigmas. Uma entrada inclinada com poço e cantina, uma cozinha com um amplo fogão no térreo e dois quartos no piso superior. A essas dificuldades se juntaram o frio cortante, que naquele ano se fez sentir muito cedo, com gelo e neve, e uma tremenda carestia, que atingiu toda Verona.

A casa era pobre e carente do mínimo que se pode esperar de uma casa de moradia: estava em péssimo estado, e com acomodações insuficientes, principalmente considerando-se que tinha que funcionar também como escola. Como resultado, depois do levantar os ocupantes de cada quarto tinham que tirar as camas, colocar no lugar as carteiras e os bancos, a mesa do professor e tudo o que fosse necessário para as aulas do dia. À tarde, após as aulas, repetia-se o inverso, e assim todos os dias.

Com tanta pobreza, nem se pensava em buscar empregados. Os próprios membros da comunidade, padres e irmãos, se encarregavam do serviço, dia por dia, durante o ano letivo inteiro.

Esse era apenas um trabalho à parte, porque o verdadeiro trabalho deles eram as aulas, os Oratórios Marianos, as pregações, as confissões, os atendimentos de pessoas, as solicitações religiosas de toda a sorte.

Se perguntarmos pela alimentação, naqueles trabalhosos e difíceis princípios, responderá o Irmão Paulo, o cozinheiro: segunda-feira, ao almoço: polenta e sopa de verdura; à tarde: sopa de verdura e polenta. Terça-feira, ao almoço: como na segunda-feira; ao jantar, também. Quarta-feira: tal qual a terça-feira. Já na quinta-feira, repetia-se o cardápio do dia anterior. A sexta-feira traria alguma novidade? Nenhuma, assim como o sábado.

Se tinham atravessado a semana somente na base da polenta e sopa de verdura, que mal havia em que o domingo seguisse o mesmíssimo tipo de cardápio? Assim, não existiam problemas para o Irmão Paulo, o cozinheiro...

A austeridade que marcou a comunidade no inicio não foi casual: Pe. Gaspar a quis como distintivo por toda a vida. Por outro lado, era a primeira comunidade que nascia em Verona "segundo o estilo dos religiosos", depois da supressão napoleônica de todas as ordens.

Também os novos patrões, os "catolicíssimos" austríacos, não viam com bons olhos as instituições religiosas. Todavia, a nova comunidade se justificava por uma obra social em que estava empenhada: uma escola para meninos pobres da cidade.

Os primeiros dias serviram para sistematizar de algum modo o ambiente e fazer as matrículas. Depois de 9 dias, aos 13 de novembro, abriu-se oficialmente a "Escola dos Estigmas": 48 alunos, divididos em duas classes, sendo uma elementar, confiada a Pe. Marani e colocada no coro da Igreja, e uma classe de "latim", que Pe. Gaspar orientava na Sacristia.

Aqueles rapazes, aos quais ele havia dedicado os mais belos anos de suas primícias sacerdotais nos Oratórios Marianos, agora os encontrava como alunos de gramática, em uma Sacristia avariada. Não havia perdido o gosto pela companhia deles, pelas risadas espontâneas e barulhentas, pelas brincadeiras engenhosas e pelas respostas prontas.

O que lhe importava era a formação humana e cristã daqueles rapazes, prontos a enfrentar a vida como homens de fé, dispostos, também, se chamados, a seguir a Deus mais de perto. Desse primeiro pequeno grupo, dois se tornaram sacerdotes mais tarde.

8.2. A abertura da Igreja ao público

Na primavera de 1817 foram restaurados os vitrais da Igreja, e iniciaram-se os trabalhos no telhado. A reforma era lenta, e os padres, nos momentos livres, trabalhavam como serventes de pedreiro, para acelerar a obra. O próprio Pe. Gaspar, conforme a lembrança de uma testemunha ocular, foi visto muitas vezes "com o carrinho de mão, fazendo as vezes de servente".

O segundo ano nos Estigmas iniciou com oitenta alunos. O trabalho crescia, e, em outubro de 1817, passou a ser comandado pelo Pe. Caetano Brugnoli, arquiteto, que acabara de ingressar nos Estigmas.

A Igreja dos Estigmas, finalmente colocada em ordem, foi aberta ao público.

O painel do altar mor era uma preciosa pintura de um autor desconhecido e representava os "Esponsais de Maria e José". Pe. Gaspar confiou toda a obra nascente à proteção deles, e os indicou como modelos e patronos.

8.3. A cruz entra em casa

Os companheiros de Pe. Gaspar, com ele mesmo à frente dando o exemplo, optaram por uma vida extremamente mortificada e trabalhosa. O que os levava ao Convento dos Estigmas era o ideal de vida sobrenatural, no seguimento de Cristo, em tudo e por tudo, sem restrições.

O que lhes dava coragem para tanto era, sem a mínima duvida, a graça de Deus, que os vocacionava para aquele convento. Porque é certo que, quando Deus chama alguém por um determinado caminho, ajuda igualmente a caminhar e perseverar na caminhada.

Na Casa dos Estigmas a cruz da penitência era sempre benvinda e procurada. Outras cruzes, porém, de gênero muito diferente, aceleraram a purificação espiritual daqueles valorosos membros da Igreja de Cristo.

Por volta de 1818, Pe. Gaspar enfermou gravemente. A preocupação foi geral, dentro e fora do convento, entre o povo humilde e nas altas rodas de Verona. Todo o mundo rezou, até mesmo com preces comunitárias e publicas.

A doença atacou igualmente Pe. Luís Bragato, o filho predileto de Pe. Gaspar, que, para se tratar, teve que abandonar o convento, ainda que temporariamente.

Contudo, outras cruzes, ainda de gênero diferente, entraram no convento dos Estigmas: chegaram sob a forma da calúnia. Os boateiros soltaram no ar o falatório de que nos Estigmas os religiosos viviam à toa, no ócio, desocupados; cercavam-se de conforto e só queriam tranqüilidade e boa vida.

O bispo, tomando conhecimento dos boatos, simplesmente chamou os caluniadores e foi com eles à Casa dos Estigmas. Apresentou-se inesperadamente, e com eles visitou as dependências da casa, informou-se dos trabalhos que os religiosos desenvolviam dia por dia. Ia vendo e ouvindo, juntamente com os caluniadores. Por fim, ao despedir-se, abençoou aqueles primorosos cristãos, e, sempre na presença dos caluniadores, declarou-se satisfeito com a vida que levavam e com os trabalhos que desenvolviam. Não será preciso dizer que os boateiros ficaram esplendidamente desmontados.

Contudo, Pe. Gaspar havia dado o cunho de uma experiência tipicamente religiosa à vida nos Estigmas. Não faltavam momentos de alegria e felicidade entre os padres, apesar do estilo de vida rígido e severo. Nas memórias da comunidade lê-se que Pe. Gramego, com seu espírito

jovial e alegre, tudo fazia para espalhar um pouco de alegria sobre a mesa pouco risonha, nas refeições.

Pe. Gaspar queria os seus filhos “monges em casa e apóstolos fora”, homens de oração e de estudo, para estarem preparados para os diversos tipos de apostolado ao qual são chamados.

O próprio local dos Estigmas, pouco fora dos muros, mas longe dos rumores e das distrações mundanas da cidade, prestava-se a uma vida de intenso recolhimento e de silêncio. De manhã, o convento era invadido pelos gritos alegres dos estudantes, mas à tarde tornava-se deserto. Não havia ainda para os padres da nascente congregação regras escritas; era suficiente o modo de vida do pai para guiar os primeiros passos à perfeição.

8.4. A enfermidade de Pe. Gaspar

Já relatamos que, por volta de 1812, portanto aos seus 35 anos de idade, Pe. Gaspar contraiu a miliar, que e uma gravíssima doença contagiosa, que o levou à beira da morte. Foi uma oração unânime pelo seu restabelecimento. Dois dias depois de ter ditado as suas últimas vontades ao tabelião, estava fora de perigo (veja 6.3).

Mas a grave doença ainda não estava totalmente debelada. No verão do ano seguinte o encontramos convalescendo por breve período em Colognola ai Colli, dos condes Nichesola, seus tios.

Em 1814, e depois em 1815, outras recaídas o fizeram compreender que sua saúde devia ser resguardada.

Depois, em 1818, aos 41 anos, mais uma vez ele se via enfermo gravemente, e todo mundo rezou, até mesmo com preces comunitárias e públicas, pelo seu restabelecimento (veja 8.3).

Agora, o ano de 1824 marca mais uma etapa dolorosa na vida de Pe. Gaspar: a perna direita inchou rapidamente, e, à altura da tíbia, apareceu um pequeno tumor, que se estendeu progressivamente até o joelho. Ele estava com 47 anos.

O médico, o tio José Ravelli, tentou no início a cura por meio de emplastros, mas sem resultado. Então decidiu-se pela intervenção cirúrgica.

Foi chamado o célebre doutor Luís Manzoni, que tentou, com diversas incisões, debelar o mal. Os resultados foram desastrosos, também pelos terríveis sofrimentos a que era submetido o paciente.

Deve ser lembrado que, naquele tempo, não havia nenhum tipo de anestesia; cortava-se em carne viva, na medida em que o paciente estava em condição de suportar.

Pe. Gaspar enfrentou aquela prova com uma serenidade e com uma força de ânimo incrível. Jamais saiu uma queixa dos seus lábios, mas somente alguma invocação ou prece.

Somente por uma vez viram-se lágrimas molharem o seu rosto: o cirurgião, para tirar a cárie do osso, havia perfurado o fêmur.

As intervenções, que se repetiam a intervalos cada vez mais freqüentes, deixavam-no em um estado de fraqueza extrema. A escola a que Deus o chamava, a do sofrimento, jamais foi vista como um castigo, mas como uma cruz preciosa, que a seu tempo produziria frutos de bem.

Juntamente com longos períodos de imobilidade absoluta, alternavam-se momentos em que podia parcialmente retomar as suas atividades, embora reduzidas.

Em maio de 1826, Pe. Gaspar escrevia, em uma carta: “Estou de novo preso ao leito. Deus seja bendito! Ele me quer ferido, não morto, para que eu possa servi-lo e fazer a penitência que me é necessária”.

Mas a doença parecia não mais abandoná-lo. Em maio de 1827, escrevia: “O Senhor me mantém no leito debaixo de ferros e bisturis. Bendito seja! Basta-me que Ele seja servido!”.

No final daquele ano parecia que toda esperança estivesse perdida. Toda a cidade de Verona mobilizou-se para pedir a graça. E a graça veio. Em fevereiro de 1828, aos seus 51 anos, Pe. Gaspar começou a deixar o leito. Depois de onze meses, podia voltar a celebrar a Santa Missa. A convalescença foi longa.

Durante todo aquele ano ficou preso muitas vezes ao leito, mas no final, embora a saúde tenha continuado a ser sempre delicada, pode retornar a uma vida normal.

8.5. Os primeiros mártires da caridade

Naquela ocasião, o tifo maltratava a cidade. Pe. Gaspar incumbiu o Pe. Mateus Farinati de atender espiritualmente as pessoas atingidas, apesar do perigo do contágio. Pe. Farinati obedeceu e pôs mãos à obra. Adoeceu também. Para recuperar-se, teve que se afastar dos Estigmas e respirar ares melhores em sua aldeia natal, Alcenago, nas risonhas colinas de Valpantena.

Entretanto, não resistindo à enfermidade, faleceu em 17 de setembro de 1820. Morreu como holocausto à virtude da caridade, exercida em favor dos empestados de tifo. Foi o primeiro mártir da caridade da pequena comunidade, em pleno exercício de apostolado e amor fraterno.

Mais tarde, em 1842, os Estigmas tiveram que chorar, no espaço de três semanas, a morte de dois membros mais jovens.

Aos 17 de fevereiro faleceu santamente Pe. Luís Biadego, aos 34 anos. Foi a pessoa mais mística dos Estigmas, cândido como um menino.

Todos os seus pensamentos eram para o Senhor, para os Santos Esposos Maria e José, para o Paraíso.

Habituado que estava a servir aos doentes da comunidade, particularmente Pe. Gaspar, durante a sua própria enfermidade sentia-se confuso, ao ver-se rodeado de tantas atenções e cuidados.

Em uma de suas visitas, Pe. Gaspar recordou-lhe as palavras de São Paulo: “Nenhum de nós vive para si, e ninguém morre para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”. (Rm 14,7-8)

Era a espiritualidade do confiante abandono em Deus, que amadurecia no Pai, e foi depois também se enraizando nos corações dos filhos.

Nos dois meses de doença, que prenunciavam sua morte, disse ao confessor que queria confortá-lo: “Estou tranqüilo e não me preocupo, porque já coloquei tudo nas mãos de Nossa Senhora. Ela cuidará”.

A santa morte, junto com a dor profunda pela perda de um confrade tão jovem, foi também de grande consolação para toda a comunidade, certa de ter conquistado um protetor no céu.

Três semanas mais tarde morria o estudante Luís Ferrari, “jovem de grandes esperanças, de boa inteligência e de memória tenaz”. Era de uma bondade angélica, paciente, sobretudo, em carregar a cruz de sua própria enfermidade.

Por umas cento e quinze vezes o cirurgião teve que recorrer a incisões para tentar curar as chagas profundas, entre sofrimentos indizíveis do paciente.

Uma tarde, o enfermeiro levou-lhe algo que serviria de alivio. “Mas por que isto?” disse, olhando-o com um sorriso. “Eu não penso senão no Paraíso”.

Faleceu aos 22 anos, no domingo cujo tema da Missa é “Alegrai-vos”, dois dias depois da festa das santas Chagas de Jesus, também ele, como o Divino Mestre, todo chagado por uma escrofulose irreversível.

No final de 1843 adoeceu gravemente o Pe. Modesto Cainer, e em poucos meses seria tirado do afeto da comunidade, aos quarenta e quatro anos. Desde a sua entrada nos Estigmas, em 1824, havia se transformado no enfermeiro de Pe. Gaspar, no tempo em que este sofreu numerosas intervenções cirúrgicas na perna direita (veja 8.4).

O cronista da casa, referindo-se aos cuidados dele com os doentes, anotou: “como uma terna mãe assim os medicava piedosamente”.

8.6. Pe. Bragato enviado em missão

Pe. Luís Bragato, conforme já lembramos antes, foi talvez o filho predileto de Pe. Gaspar.

Ele já estava com Pe. Gaspar nas reuniões que antecederam a fundação da Congregação, como clérigo (veja 7.3). Mais tarde, em outubro de 1818, havia se juntado ao pequeno grupo dos Estigmas (veja 7.5).

Mas já no ano seguinte, atingido por enfermidade, foi obrigado a se retirar do convento, para tratamento de sua saúde (veja 8.3).

Retornou definitivamente em 1828, mostrando-se um verdadeiro apóstolo dos jovens, seja nos Oratórios ou nas aulas, missionário apaixonado nas suas pregações, ao povo e ao clero, diretor espiritual procurado pelo seu caráter doce e paciente.

Mas sua vida havia chegado a um ponto jamais imaginado. Maria Ana di Savoia, esposa de Fernando I dos Absburgos, feito imperador na primavera de 1835, pediu como confessor espiritual um padre italiano. O imperador transferiu o pedido ao bispo austríaco D. Grasser, que acorreu aos Estigmas e conversou longamente com Pe. Gaspar e Pe. Bragato.

Passaram-se alguns dias, e finalmente foi reunida toda a comunidade e Pe. Gaspar comunicou a decisão: o Pe. Luís Bragato iria separar-se do grupo e partiria para Viena.

O acontecimento foi saudado com alegria, embora não fosse fácil para Pe. Gaspar privar-se do filho querido, com quem contava para o futuro da obra, enviando-o para longe, um uma missão que não correspondia propriamente aos seus programas.

Pe. Gaspar impôs ao Pe. Bragato apenas duas condições: sua prestação de serviço à corte deveria ser totalmente gratuita, e não devia aceitar nenhum título honorífico.

O ministro Metternich, porém, não achou conveniente que um “adido” à imperatriz não recebesse honorários. Então, Pe. Gaspar proibiu Pe. Bragato de enviar mesmo um só centavo aos Estigmas; o dinheiro devia ser empregado para suas necessidades e para obras beneficentes.

Pe. Bragato viveu durante quarenta anos no meio da pompa da corte imperial sem nada mudar do seu estilo de vida humilde e modesto, começado nos Estigmas. À sua morte, foi dito: “Passou distribuindo benefícios e morreu pobre”. Seu túmulo encontra-se ainda hoje no cemitério de Praga.

8.7. A vida de comunidade dos Estigmas

A vida de comunidade dos Estigmas foi bem ilustrada por um escritor alemão, o sacerdote Pe. Luís Schlor, que viveu em Verona entre 1837 e 1838. Falando dos padres dos Estigmas, escreve:

> *"Vários padres seculares e piedosos, e em grande parte bem de vida, reuniram-se em Verona há uns vinte anos, para a própria perfeição na vida comum do claustro e na ação comunitária, e para trabalhar para a salvação dos outros, conforme as necessidades e as forças.*
>
> *Por mais que esses padres façam do retiro e do escondimento o caráter principal de sua vida e ação, todavia é tão grande e evidente o esplendor de suas virtudes, e a eficácia do seu zelo, que são queridos e profundamente estimados em toda a cidade, pelo clero e pelo povo, como santos.*
>
> *Seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, um venerando e amável velho muito douto nas ciências teológicas e especialmente na direção das almas, é um oráculo para os do lugar e para os forasteiros, que, de cidades distantes, recorrem a ele por escrito, ou vão pessoalmente pedir conselhos em matéria teológica ou no interesse de suas consciências.*
>
> *Ora, esse homem de tanta sabedoria e piedade sabe com tal suavidade de maneiras e ao mesmo tempo com firmeza orientar a sua comunidade, que um só espírito anima a todos, e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.*
>
> *Se você conversa com eles, percebe que cada um no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior é um retrato fiel do outro.*
>
> *Se quer saber o que principalmente é notável neles, é* ***a humildade, a caridade e o tratamento afabilíssimo****.*
>
> *Seus quartos e moveis são simplicíssimos, mas por toda a casa se percebe um tal cuidado com a limpeza que é um gosto admirá-la.*
>
> *A pequena Igreja, que já pertenceu a uma confraria franciscana, foi restaurada maravilhosamente, e sempre brilha pelo decoro. Em muitas solenidades, o Clero da cidade vai com particular prazer a essa pequena Igreja para celebrar a Santa Missa.*
>
> *Os próprios sacerdotes livres pregam toda semana na sua Igreja e ouvem confissões, mas só de homens. Não aceitam de ninguém presente de espécie alguma*
>
> *Um desinteresse assim tão grande presente nos sacerdotes os coloca em grande reverência junto a todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles senão o de "pérola escondida do clero veronês"."*

Nos Estigmas tornaram-se tradicionais as celebrações da Paixão em todas as sextas-feiras. Depois do canto de algumas antífonas, Pe. Gaspar era conduzido na sua poltrona ao altar do Crucifixo, para a meditação, que durava cerca de meia hora. Seguia-se, depois, a adoração das cinco Chagas, com algumas orações apropriadas.

Ninguém melhor do que aquele homem "chagado" e sofredor poderia penetrar na contemplação do mistério da cruz. Esta era uma outra típica parte da sua espiritualidade, que Pe. Gaspar quis transmitir a seus filhos.

Das numerosas exortações que familiarmente Pe. Gaspar dava aos seus padres, temos indícios nas memórias escritas por Pe. Benciolini:

“O senhor Pe. Gaspar exortou-nos a não nos apegarmos às consolações presentes, nem mesmo das coisas espirituais, mas à felicidade eterna, e a manter o coração fixo no céu. Assim:

1. teremos mais liberdade de espírito;
2. teremos mais merecimentos;
3. teremos mais boas obras;
4. daremos mais bom exemplo.

9. Normas para a Congregação

9.1. O desenvolvimento das regras

“Toda sociedade bem organizada é dirigida por regulamentos. Pelos regulamentos, atinge a sua finalidade”.

Dentro deste princípio, Pe. Gaspar pensou em escrever as regras. Todavia, quando instituiu a congregação, ainda não tinha escrito nada a respeito.

A primeira norma foi ele mesmo, sua vida, seus exemplos.

Por ele e por sua conduta, os primeiros Estigmatinos pautavam as próprias atitudes.

Como, porém, cedo ou tarde era necessário dar início à redação das novas regras, o fundador começou a escrevê-las, depois de muitos anos de vivência entre os companheiros no convento.

Mas não escreveu tudo de uma vez ou em curto espaço de tempo. Podemos dizer que foi escrevendo à maneira de quem usa um conta-gotas: uma frase hoje, outra amanhã, ou depois de amanhã, ou mais tarde ainda.

Estudava, rezava, pedia orações, examinava as primeiras experiências do convento dos Estigmas. Depois, conforme ia percebendo a expressão da vontade de Deus através de tudo isso, lançava por escrito, um por um, os artigos de suas regras.

9.2. A finalidade da Congregação

Pe. Gaspar cogitava com que fórmula indicaria a finalidade e a mentalidade da congregação. Já tinha determinado que o fim era evangelizar, não havia duvida, mas queria definir uma frase que esclarecesse bem luminosamente esse fim.

A resposta lhe veio exatamente através das missões que ele mesmo estava ajudando a pregar: vendo, com seus próprios olhos, o enorme beneficio ocasionado pelas missões, enquanto pregava na Igreja de São Firmo, concebeu a idéia de que sua Congregação teria por finalidade reunir e formar missionários, pregadores da Palavra de Deus.

O Evangelho de São Mateus termina com estas palavras:

“Os onze discípulos foram para a Galiléia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, adoraram-no. Entretanto, alguns hesitaram ainda. Mas Jesus lhes falou: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que eu vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”.” (Mt 28,16-20)

Jesus dá aos seus apóstolos, portanto, a ordem de ensinar a todas as nações; dá, também, o conteúdo deste mesmo ensinamento: o que ele mesmo ensinou.

Ora, os bispos são os sucessores dos Apóstolos. Por isso, a eles cabe o dever principal de ensinar, isto é, pregar o Evangelho de Jesus Cristo, tudo o que Jesus ensinou. Como o sacerdote participa do poder pleno do bispo, ele também deve ensinar, ou pregar a doutrina de Jesus, na dependência do próprio bispo.

Então Pe. Gaspar, iniciando com o titulo com o qual ele mesmo fora agraciado, em 1817, devido ao êxito das missões populares de São Firmo (veja 6.6), assim expressou o conteúdo da finalidade da congregação: **MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS EM AUXÍLIO AOS BISPOS**.

Foi assim expressa, portanto, a Constituição número 1 do Fundador (CF 1). Era a inspiração sentida durante a extraordinária missão de maio de 1816 em São Firmo, que tomava forma concreta e jurídica.

É interessante observar que Pe. Gaspar, ao determinar sua congregação, antecedeu-se aos tempos, pois o Concílio Vaticano II, mais de um século depois, colocou em realce a doutrina sobre os bispos.

Uma visão profundamente evangélica, além de bem atual, foi explicitada no Capítulo III do memorável documento intitulado "Lumen Gentium".

9.3. A caridade fraterna: distintivo da Congregação

O assunto que ele mais desenvolveu nela foi a caridade fraterna. Tanto realçou este aspecto da vida prática dentro da congregação, que por pouco o assunto da união caridosa entre os confrades toma a metade do regulamento: das 314 regras, 128 são dedicadas a este tema.

A caridade fraterna deveria ser não apenas uma regra para os seus seguidores; deveria ser muito mais que isso: "O DISTINTIVO DA CONGREGAÇÃO".

Leia-se o que escreveu ele a este respeito: "Todos tenham como escopo e distintivo do espírito da sua vocação aquela expressão de Nosso Senhor Jesus Cristo: NISTO CONHECERÃO TODOS QUE SOIS MEUS DISCÍPULOS, SE TIVERDES AMOR UM PARA COM O OUTRO" (CF 187).

Bem sabia ele que a união faz a força. Também sabia que, quando esta união é sobrenaturalizada pela virtude da caridade, em vivência real, tal qual a quis Jesus Cristo, então a força se multiplica intensamente.

Decorre daí que a congregação, assim profundamente unida, representa uma energia vital dentro da Igreja, seja no que se refere à virtude e vida perfeitamente cristã de cada um de seus membros, ou no que diz respeito ao zelo e eficácia do apostolado na pregação e anúncio do Evangelho.

9.4. A santidade evangélica

A evangelização não é um empreendimento de ordem natural, como, por exemplo, a lavoura, a indústria, o comércio, a escola; ela se situa em um nível muito mais alto. E de ordem sobrenatural, e por isso precisa de meios sobrenaturais também.

Pe. Gaspar resume tudo isso nesta expressão latina: "CONTEMPLATA TRADERE".

"Tradere" significa comunicar aos outros, por meio da pregação, tudo aquilo que o Estigmatino viveu na sua vida espiritual, na sua união com Deus, toda a sua vivência batismal.

"Contemplata" significa que aquilo que antes foi contemplado na meditação das verdades evangélicas, na recitação das preces, na celebração da Santa Missa, e que foi transformado em vida intensamente espiritual pelo crescimento diário e contínuo na virtude, isso deve ser proposto aos outros.

Trata-se de uma espécie de contemplação, vivência de Deus, ou uma reprodução da vida divina em todos os aspectos da vida do Estigmatino.

O verdadeiro Estigmatino precisa, pois, ser antes de tudo um verdadeiro cristão, um religioso, um sacerdote eminentemente exemplar.

Assim, repleto de Deus, terá sentido real o que ele prega, qualquer que seja o tipo de sermão, desde a simples catequese às crianças até as homilias dominicais, as novenas solenes, retiros, missões etc.

Por isso, a esse propósito, Pe. Gaspar citava aquela frase do Evangelho: "Quem permanece em mim e eu nele, este produz muito fruto" (Jo 15,5).

Veja-se como ele entendia isso em uma de suas cartas:

“Deus quer que vivamos da vida espiritual, que espiritualizemos tudo, de tal forma que não demos nenhuma importância a tudo o que é objeto dos nossos sentidos. Elevando-nos acima de todas as coisas, estejamos mergulhados profundamente nele. Confiados na sua infinita misericórdia e bondade, não nos deixemos afastar dele, quaisquer que sejam os acontecimentos em torno de nos”.

Parece impossível atingir o grau de perfeição que ele exige. Na verdade, porém, o próprio Cristo nos diz: “Devemos ser perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Coerentemente, Pe. Gaspar escreve, ainda:

“Deus nos fez participantes de sua natureza divina para que já não vivamos nem nos comportemos conforme a nossa. Por isso, não devemos medir as forças da primeira natureza (a humana), mas da segunda, que nos foi comunicada pela graça de adoção de filhos de Deus”.

Conclusão: a vida de quem prega o Evangelho deve ser vida intensamente evangélica, para que a pregação não venha a tornar-se vazia e mortiça, sem o testemunho da conduta e sem o calor da graça de Deus.

9.5. A importância do estudo

Pe. Gaspar entendia, ainda, que não basta tender à santidade evangélica para que o pregador esteja em condições de comunicar aos seus irmãos a palavra divina. É necessário também o Estudo.”

Nisto, ele nos dá um preclaro exemplo, como nos deu de santidade.

Já sabemos quanto ele se aplicava aos estudos, desde o tempo da juventude, principalmente no que diz respeito às ciências eclesiásticas. Conhecemos o zelo com que, mesmo depois de ordenado sacerdote, dedicou-se em aprofundar os seus conhecimentos, seja individualmente ou em grupo com outros companheiros.

Nas suas constituições aponta como meio para atingir a finalidade da congregação a perfeição na doutrina eclesiástica.

Leia-se o que ele escreve, a certo ponto de suas constituições: “Nesta congregação... é necessária não uma ciência comum, mas um perfeito conhecimento de tudo o que se refere à fé e à conduta.”

Pe. Gaspar quer que haja, em todos os seus religiosos, um sério conhecimento da Sagrada Escritura.

Acrescenta igualmente a prescrição de estudar a Tradição da Igreja, através dos Santos Padres, estudar a Liturgia, as decisões dos Concílios Ecumênicos, os decretos dos Papas e dos Bispos, junto aos quais se vai trabalhar, as prescrições do Direito Canônico, a Teologia Dogmática e a Teologia Moral, a Teologia Mística, a História da Igreja, a Filosofia. O programa dos cursos que Pe. Gaspar quer seja desenvolvido nos cursos e após a formatura é intenso e vasto.”

Tem razão. Afinal, é prejudicial à Igreja e à glória de Deus o pregador que, ao invés de comunicar aos fiéis a palavra divina, transmite apenas um palavrório frouxo e sem substância, exatamente por falta de estudo e preparo.

Como também é prejudicial o pregador que, ao invés de anunciar o Evangelho, apregoa a política, o sindicalismo, os erros teológicos.

É, pois, justíssima a norma, deixada aos seus Estigmatinos, de que se tome o estudo com toda a boa vontade e perseverança, a fim de utilizá-lo como material substancioso das pregações, palestras, conferências, catequeses, missões, retiros etc.

Vejamos o que ele escreveu em uma das constituições:

“Nesta Congregação clerical, cuja finalidade é não apenas contemplar para si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, requer-se uma ciência não comum, completa o mais possível, a respeito da Fé e da Moral; portanto, é necessário que os religiosos clérigos deste Instituto se apliquem em adquirir uma competência incomum em todas as áreas do saber” (CF 49).

E ainda: “Em cada um dos ramos do saber haja, pois, alguém ou alguns que se apliquem com estudo especial, por um tempo mais longo e com maior empenho, já que isto é de suma utilidade para se poderem exercer os diversos ministérios em favor da Igreja, sempre em consonância com os diferentes tempos e circunstâncias”.

9.6. O espírito de abnegação

A primeira disposição intima do pregador, ou mentalidade com que ele deve distribuir o pão da palavra de Deus, é o espírito de abnegação. Significa isto que Pe. Gaspar exige do Estigmatino a disposição de se sacrificar, no intuito de atingir as almas a salvar.

Ele quer, por exemplo, que os seus seguidores na congregação estejam dispostos a ir para qualquer lugar, a chamado dos superiores, na evangelização dos homens. Suas palavras, neste ponto, são taxativas. Diz nas regras fundamentais: “Estejam dispostos a ir para qualquer parte, na diocese e no mundo inteiro”.

Ora, isto ninguém executará sem uma grande dose de abnegação e disponibilidade.

Algumas constituições exprimem o espírito de abnegação:

> “Os Estigmatinos devem ser livres de dignidades, residências, benefícios e da orientação perpétua e particular de almas e de religiosas” (CF 4).
>
> “Dispostos a ir a qualquer lugar da diocese e do mundo” (CF 5),
>
> “Sob a orientação e dependência dos Ordinários do lugar onde se pregarem missões” (CF 2).

Muito instrutiva aqui a explicação dada a estas expressões por um dos primeiros padres da congregação estigmatina, o Pe. Lenotti: “Nos não somos destinados a ficar parados, mas devemos estar prontos, como os soldados, e dispostos a ser úteis a todos e não apenas na diocese, mas igualmente em todo o mundo. Por isso, se algum dos nossos for de opinião de que já existe muito que fazer na diocese, sem que se vá dilatando e estendendo o serviço também nas outras, mostraria bem que não tem o espírito do nosso Instituto”.

9.7. A gratuidade do serviço

Uma segunda qualidade requer o fundador, de todos os membros da sua congregação: a gratuidade do serviço. A frase dele, redigida nas regras fundamentais, é claríssima: “Servir a Deus e à Igreja de maneira absolutamente gratuita” (CF 3).

Tem razão. A palavra de Deus e a salvação das almas não são objeto de comercio, de modo algum.

Por isso, o evangelizador precisa evangelizar conforme o Evangelho, que apresenta Jesus dando ordem aos seus apóstolos nos seguintes termos: “Por onde andardes, anunciai que o reino dos céus esta próximo; curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai (Mt 10,7-8).

9.8. A aprovação oficial da congregação

Apesar de haver escrito regras de alta sabedoria cristã para os membros da sua congregação, não deu nenhum passo no sentido de pedir à Santa Sé a aprovação oficial do próprio Instituto.

Por que? Seria por sua grande humildade? Sem dúvida que sim.

Ele dotou a congregação não somente de regras apropriadas, mas também de patrimônio material, a fim de lhe dar solidez e substância também sob este aspecto.

Não queria, porém, ser considerado o fundador da congregação. Desejava cumprir a vontade de Deus, que era de fundar a congregação, mas, uma vez fundada, queria que seu próprio nome desaparecesse.

Ele era muito humilde. Preferia agir, mas esconder-se sempre no fundo da humildade. Se pedisse a aprovação à Santa Sé, é claro que seu nome apareceria.

Por isso, somente depois da sua morte é que foi requerida e obtida a aprovação oficial da congregação.

10. A Escola dos Estigmas

No capítulo referente à fundação da Congregação já falamos, inicialmente, do motivo da fundação da escola (veja 7.4). Posteriormente, narramos os tempos iniciais nos Estigmas: as dificuldades com um imóvel que necessitava de reformas e com as acomodações insuficientes, que obrigavam os padres a, todos os dias, "transformarem" os quartos em salas de aula, e vice-versa (veja 8.1).

O problema das acomodações começou a ser resolvido em 1823, quando Pe. Brugnoli projetou a construção de uma habitação para os padres, e aí os alunos puderam dispor de espaços mais amplos para as suas atividades (veja 8.2).

Contudo, como tudo que Pe. Gaspar empreendia, com dedicação plena e, principalmente, por amor a Deus e aos irmãos, a Escola dos Estigmas teve grande êxito.

Nada melhor do que citar as palavras de um dos primeiros biógrafos de Pe. Gaspar, o Pe. João Batista Lenotti: "Concluídos os estudos naquela escola, saíam os alunos excelentes em piedade e conhecimentos. Muitos tornaram-se padres, e entre estes não poucos se tornaram pastores de almas; muitos chegaram a ser religiosos em varias congregações, dentre os quais alguns foram para a América, no Chile, como missionários; muitos se fizeram pais de família e se distinguiram na piedade e na fé cristã e no bom governo da casa.

Foram tantos, finalmente, os bons êxitos obtidos pela Escola dos Estigmas, que Pe. Gaspar viu na instituição escolar um dos possíveis meios de evangelização da juventude. Em conseqüência, nas regras da congregação que iria fundar apontou as escolas como instrumento para atingir a mentalidade cristã da mocidade.

Mas, com o tempo, tornou-se difícil a continuidade da escola, pois os padres eram muito procurados para a pregação, a catequese, a confissão. Por outro lado, os jesuítas também tinham aberto escola própria em Verona, e esta viria preencher a lacuna deixada pelo fechamento da escola de Pe. Gaspar.

Assim, em 1843, depois de 27 anos de funcionamento, a Escola dos Estigmas encerrou suas atividades, e os alunos foram transferidos para a escola dos jesuítas.

Fechou-se a escola, mas ficou a saudade das belíssimas aulas de Pe. Gaspar, e de sua maneira jeitosa de educar os alunos. Mais tarde, em 1878, reabriu-se a escola, depois da morte de seu fundador.

11. As virtudes de Pe. Gaspar

As virtudes refletem a santidade de uma pessoa.

Assim, antes de entrarmos no assunto das virtudes propriamente dito, examinaremos como Pe. Gaspar se condicionou para viver e desenvolver as suas virtudes, e quais foram os sinais ou fatos extraordinários que as caracterizaram.

11.1. Condicionamentos das virtudes

Os condicionamentos das virtudes são a oração e o estudo. A oração é imprescindível, e o estudo é muito útil.

a) A oração

Pe. Gaspar argumenta pela Sagrada Escritura que a oração é tão necessária que deve ser contínua: "É necessário orar sempre, sem intermissão".

E reflete: "Tenho a impressão de que, rezando, a gente cresce na oração. A diligência em rezar atrairá maior abundância do Espírito Santo. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza, de forma que, mesmo aqui na terra, chegaremos a oferecer o sacrifício perpétuo, perene, o holocausto que de si mesmos oferecem os Anjos e os Santos no céu, diante de todos.

Censura, ainda, a falta de oração: "Quando antes não se faz bem a oração, não se pode falar bem nem mesmo de Deus".

Por esta razão, detestava o modo de vida daqueles sacerdotes e religiosos aparentemente zelosos nas obras de apostolado, ou de caridade, mas pobres de oração.

Pe. Gaspar aplicava toda a sua diligência nas diversas orações próprias do sacerdote. De modo particular, "a Santa Missa era a mais santa alegria do seu coração".

Quanto à meditação, que fazia diariamente, buscava ali o calor da devoção e da piedade sólida. Dizia: "Por quanto grave que seja o vosso cansaço, por reduzido que seja o tempo a disposição para o vosso repouso, não permitais nunca que seja eliminada da vossa vida esta hora, totalmente vossa e demasiado necessária, da vossa meditação".

Preferia omitir qualquer outro empenho a deixar, uma vez que fosse, a meditação, tanta era a importância que dava a esta interiorização diária das verdades da fé.

Pe. Gaspar recorria à oração em todas as circunstâncias da vida. E, dentro deste enfoque, chamava a atenção do clero para "que não se dedicasse tão ardorosamente aos ministérios a ponto de esquecerem a própria salvação".

b) O estudo

O estudo não é propriamente uma virtude. Mas, realizado com as intenções com que o realizava Pe. Gaspar, era fruto e penhor de grande virtude. Ele estudava levado pelo zelo da salvação dos homens e pela diligência em atingir a glória de Deus.

Além disso, o seu estudo, sempre feito com muita humildade, foi tão assíduo, diário, cercado de tanto sacrifício, que nele vamos descobrir diversas virtudes, como, por exemplo, o espírito de sacrifício, a responsabilidade no cumprimento do dever etc.

Acresce que o estudo bem orientado torna a virtude mais esclarecida, fornece motivações úteis e importantes nas opções comportamentais, elimina muitas dúvidas que, de outra sorte, sobreviriam nos caminhos da fé.

Desta forma, efetuado com a boa intenção de agradar a Deus e exercer melhor o apostolado e a vida virtuosa, o estudo é poderoso alimento da virtude.

O estudo, para ele, fica em um nível muitíssimo abaixo da oração. Entretanto, nem por isso deixa de ter sua parte valiosa na vida de um sacerdote responsável e dedicado.

Para Pe. Gaspar, o estudo sempre teve três características: formador da inteligência, educador do caráter, favorecedor do apostolado.

Ele nunca estudou para exibir sabedoria diante dos homens, a fim de receber elogios. Suas intenções eram muito mais altas, não se destinavam a estas misérias do egoísmo.

Desde os anos de simples estudante, distinguia-se dos colegas pela seriedade com que se dedicava aos livros. Freqüentemente, quem quisesse encontrá-lo nos momentos vagos, podia procurá-lo seguramente na biblioteca do seminário, ou na municipal, ou nas particulares.

Nas constituições de sua congregação, Pe. Gaspar aponta o estudo como um meio ineludivelmente necessário para exercer o ministério sacerdotal de maneira útil à Igreja, de acordo com as necessidades dos tempos e dos lugares.

Ainda no ambiente do clero secular, organizou em sua casa freqüentes encontros de ciência eclesiástica, mesmo antes de fundar a sua congregação (veja 7.3).

Seu estudo sempre foi tão apurado, tão assíduo, mesmo na doença ou no cansaço, que teria sido interrompido muito cedo, se não tivesse uma motivação de ordem superior.

11.2. Sinais das virtudes

Os sinais das virtudes são os fatos extraordinários, que dependem exclusivamente da vontade de Deus, e com os quais ele manifesta perante os homens a santidade de seus servos, ou lhes recompensa a total dedicação.

Os fatos extraordinários na vida espiritual, como as visões, os êxtases, as revelações, os milagres, não são propriamente virtudes. Eles são dons especiais que Deus comunica, de acordo com seus desígnios, visando a diversos objetivos que, em sua infinita sabedoria, tem presentes.

Os objetivos pelos quais Deus enriquece alguém com aqueles dons podem ir desde a simples vontade de recompensar a virtude dos seus servos até a de revelá-la aos outros, para estimulá-los à imitação, ou mesmo a um serviço de maior amplitude na Igreja.

Entretanto, não se mede a santidade pelos dons extraordinários. De fato, no caso de Pe. Gaspar, apesar de suas virtudes heróicas, seus dons extraordinários não são tão numerosos como os que encontramos na vida de alguns outros santos.

Pe. Gaspar tinha de sua união com Deus uma consciência profunda, praticamente continua. Em um trecho de suas memórias, encontramos:

“Rezando em preparação à Missa, percebi que Nosso Senhor crucificado me dizia internamente: “olha para este meu coração”. Esta expressão acendeu logo uma luz maravilhosa no meu espírito, e um calor forte e repentino no meu coração.

Assim, minha alma elevou-se, como para contemplar aquele coração que me fora indicado. Então, senti um tremor pelo corpo todo. Percebi que estava de olhos fechados e que a alma se encontrava ativa e repassada de inefável alegria”.

Sua união com Deus chega, portanto, às raias do êxtase. Veja-se a seguinte anotação, tomada por ele em seus apontamentos:

“Durante a Missa... percebi uma espécie de alargamento da inteligência, para conhecer melhor a Deus com quem eu falava, e um aumento de afeto e expansão de caridade na

oração. Depois, senti certos ímpetos do coração para com Deus, como sendo impulsos do espírito para com ele.

Experimentei-me como que empolgado por um amigo, que, ausente por muito tempo, se lança no abraço ardoroso do outro."

Além dos êxtases, sabemos, por provas sérias, que foi agraciado por visões celestiais. Numa delas, Deus lhe determinou que fundasse uma nova congregação religiosa: exatamente aquela que, em conseqüência, fundou (veja 7.2).

E os milagres? Durante a vida, e após a morte de Pe. Gaspar, vários milagres foram alcançados. Dedicamos um capítulo exclusivamente à narração deles (veja capítulo 16).

11.3. As virtudes propriamente ditas

a) A fé

Por forca da fé intensa que impregnava toda a sua vida, Pe. Gaspar vivia continuamente sob o influxo do sentimento da presença de Deus.

Em suas notas pessoais, "sentimento da presença divina" é uma expressão que brota bem clara, seja direta e literalmente, ou indireta mas equivalentemente.

Nem era preciso conhecê-lo a fundo para descobrir nele este espírito de fé. Bastava ouvi-lo pregar. Das palavras, do tom da voz, do olhar, de toda a sua atitude, inferia-se claramente que só podia apresentar-se daquela forma e falar daquele jeito uma alma toda acesa na virtude teologal da fé'.

Assim Pe. Gaspar escreveu, a respeito da fé:

"Aquilo que Deus nos revelou, devemos receber dele humildemente por meio da fé. Contudo, o homem não o deve curiosamente investigar com o seu raciocínio...

A curiosidade deve ser eliminada, mas deve ser igualmente eliminada a ignorância. É muito ampla a glória da fé, porque conduz o espírito humano ao porto da verdade, por entre estes dois escolhos tão famosos, em vista dos numerosos naufrágios (contra a fé).

Ela reprime a ignorância de querer compreender o que é incompreensível... Ela o torna atento e vigilante para estudar e meditar os mistérios revelados por Deus..."

Sob este ponto de vista da fé, considerava que a Bíblia deve ser lida e tratada com a maior veneração. E quando o seu conteúdo ultrapassa a capacidade humana de compreensão, aí então sobra somente a admiração de quem aceita o mistério e se prostra diante dele.

Pe. Gaspar sempre lutou bravamente contra toda a forma de heresia. Principalmente, apontou suas baterias de sabedoria eclesiástica, de inteligência, de espiritualidade, de grande fé, contra o Janseanismo, heresia muito manhosa e cheia de disfarces. Não poupou sacrifícios a fim de manter o povo e o clero imunes da ação nefasta dos erros contra a fé.

Em conclusão, toda a vida de Pe. Gaspar foi um contínuo ato de fé. Sem ela, como explicar os seus terríveis sacrifícios e mortificações? A sua renúncia completa em tudo e por tudo? O seu apego à vontade divina, sem trepidações e nem incertezas?

Ele realmente estabeleceu, sob a ação da graça divina, como base de toda a sua espiritualidade, uma fé intensa e inabalável.

b) A esperança

A esperança é uma virtude recebida basicamente no batismo, com a fé e a caridade, e desenvolvida no correr da existência pelo auxílio da graça de Deus e colaboração do cristão.

Por ela, temos plena confiança de alcançar a recompensa no céu e os auxílios necessários para lá chegar.

Seu fundamento é a incomensurável bondade, misericórdia e poder divinos, que nos garantem tudo aquilo.

Quanto mais refinada e a esperança, tanto mais se apoia nos auxílios divinos, e tanto menos nas forças humanas.

A esperança de Pe. Gaspar chegou a esse ponto. Inteira confiança em Deus, sem contar absolutamente com os meios humanos. E não se pense que a esperança dele foi das mais tranqüilas e cômodas. Pelo contrario; foi tremendamente provada, com toda a sorte de dificuldades e frustrações.

As adversidades que o molestaram e que levariam qualquer mortal ao desânimo foram muitas e contínuas, não lhe davam um momento de bonança. Que fazia ele? Desanimar? Nunca. Olhava para o céu e imediatamente atirava-se com segurança nas mãos de Deus.

Esta confiança, muito elevada, heróica mesmo, dava-lhe inspiração para escrever:

“Cuidado com o que fazeis quando falhais a confiança em Deus. Porque muito mais o ofendeis com a desconfiança do que com o pecado”.

“Aquilo que aos homens é não só difícil, senão impossível, ao nosso bom e onipotente Senhor é fácil, facílimo, antes, tão logo o que ele quer já está feito”.

E ainda: “Quem espera em Deus jamais ficara desiludido ou envergonhado”.

Numa palavra, tanta era a esperança de Pe. Gaspar que, do seu coração repleto dela, as palavras saíam ardorosas, muito capazes de animar quem quer que fosse a expor-lhe os seus problemas e dificuldades, seu estado de ânimo debilitado pelos contratempos da vida.

Ele, em pessoa, era uma esperança viva nas promessas de Cristo.

c) A caridade

Tão aberto era o coração de Pe. Gaspar à virtude da caridade que a quis declarar específica do seu Instituto, como Jesus a havia declarado específica dos seus discípulos.

Por esta razão, deixou escrito em suas constituições a seguinte norma:

“Tenham todos como escopo e distintivo da sua vocação a expressão de Jesus Cristo, Nosso Senhor: 'Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros'". (Veja 9.3)

Pe. Luís Bragato, um dos primeiros membros da congregação, constata a realidade efetiva desta regra. Diz ele:

“O vinculo da congregação era a caridade, que transformava o trabalho em prazer, e a base era uma virtuosa vida comunitária, orientada em todos os seus atos pela mais apurada obediência”.

Entretanto, Pe. Gaspar não se limitava a apontar regras, mas dava o exemplo de como se deve praticar a caridade até as últimas conseqüências. Citemos alguns fatos.

Um certo Pe. Galvani deixou-lhe por testamento diversos prédios: o dos Estigmas, o do convento de Santa Teresa, o chamado “dos Desamparados” e o da SS. Trindade. Mas Pe. Gaspar limitou-se a guardar para si e seus companheiros a Casa dos Estigmas, para sede da sua congregação. Desapegado e caridoso, deixou os outros edifícios a diferentes pessoas piedosas, que neles exerciam atividades religiosas de valor.

Quando os jesuítas se decidiram a voltar para Verona, encontraram dificuldades em achar local para se estabelecer. Mais do que depressa, Pe. Gaspar dispôs-se a entregar-lhes alguns locais de sua propriedade, incluído o próprio convento dos Estigmas, onde residia.

Estava inclinado a reservar para si e sua congregação apenas algumas salas, e, nelas, viver em aperturas. Mais ainda, estava determinado a ceder aos jesuítas até mesmo a sua escola.

E claro que uma conduta assim cristã tão inesperada produziu edificante surpresa nos jesuítas, que, resolvidas as suas dificuldades de outra maneira, ficaram-lhe devedores de grande gratidão, pelo gesto profundamente evangélico.

Os tempos eram difíceis, a carestia de víveres trazia a fome a muitos lares. Exatamente, então, ele se põe a reformar a Igreja dos Estigmas e a construir um novo convento e a torre da Igreja. Dizia que esta era uma ótima forma de praticar a caridade: dar trabalho aos operários, que, de outra maneira, curtiriam a fome com todas as suas conseqüências. Por ai se vê que, mesmo em assuntos materiais, não perdia de vista a virtude tão altamente espiritual da caridade.

Seu amor ao próximo chegava até ao heroísmo.. Quando não podia praticá-lo pessoalmente, punha algum dos seus filhos na situação de assumi-lo e vivê-lo até a esse grau. E o caso do Pe. Mateus Farinati. Enviado pelo fundador a atender as pessoas atingidas pelo tifo, prontamente obedeceu e se dedicou aos enfermos com o máximo de generosidade. Acabou apanhando a doença, e, como resultado, veio a falecer. Pe. Gaspar reconheceu nele um mártir da caridade. (Veja 8.5.).

Todos os dias compareciam à porta da Casa dos Estigmas entre cinqüenta e setenta pobres, que aí recebiam alimento para saciar a fome. Em casa havia privação de comida em severa mortificação, mas aos pobres a porta, as mãos e os corações estavam sempre abertos.

Pe. Gaspar pensava muito nos outros, mas em si mesmo bem pouco, porque sabia sair de si mesmo para compreender e amar o outro.

Doente, sofria muito, mas não se queixava. Só aos médicos manifestava o que sentia, exatamente para que soubessem o que deviam fazer. Parecia nada sofrer, quando alguém, igualmente sofredor, a ele recorria para receber conforto e conselhos.

As palavras e os gestos do padre transmitiam animação e coragem, como se ele mesmo estivesse vigoroso e sadio.

Com referência aos seus confrades doentes, tinha desvelos de mãe. Para eles queria os melhores médicos; curados, dava-lhes alimentação e cuidados os mais atenciosos, a fim de que lhes voltassem as energias e a saúde plena.

Na Escola dos Estigmas (veja capitulo 10), seu amor para com os seus alunos fazia-o respeitar a dignidade humana dos rapazes. Longe de trata-los com rigidez e rigorosos castigos, procurava educa-los amável e carinhosamente. Se algum deles necessitasse de uma correção, tentava suavemente explicar-lhe o erro cometido e as razoes de corrigi-lo. As vezes, usava até de alguma brincadeira, que punha em realce o erro, caricaturando-o, sem ofender o interessado; assim, obtinha a correção.

De sua caridade para com Deus fala-nos toda a sua vida, dedicada inteiramente e sem reservas a servi-lo e glorificá-lo, apesar de todos os pesares e dificuldades.

d) O Santo Abandono

Todo aquele que vive intensamente o seu batismo, longe de limitar-se a fugir do pecado, põe diligência em praticar o bem e a virtude cada dia melhor, para dedicadamente seguir a Cristo com crescente amor.

O Espírito Santo tem modos e intuitos diversos para cada pessoa. Assim, cada santo se caracteriza por uma virtude especial, pessoal e própria, apesar de se haver esforçado por praticar todas elas.

Pe. Gaspar consagrou-se à santidade desde a sua infância, e neste cuidado estavam bem focalizadas todas as suas virtudes. Contudo, uma predominou em toda a sua vida, e, por ela, ele se distingue de todos os demais cristãos.

Trata-se da virtude do SANTO ABANDONO, que se traduz na entrega efetiva e total nas mãos de Deus, como quem se abandona a ele de modo absoluto, junto com uma disposição plena de realizar em si mesmo a vontade divina. Esta virtude foi, para Pe. Gaspar, o centro em cuja órbita giravam todas as demais virtudes.

Fazendo uma comparação muito simples, podemos dizer que, desde que Deus é reconhecido como Pai infinitamente poderoso, sábio e amoroso, a alma se confia a Ele de maneira absoluta, como uma criancinha nos braços da mãe.

Vejamos alguns exemplos de como Jesus vivia esta santa virtude:

“Desci do céu não para fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.” (Jo 6,38)

“Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.” (Mt 26,42)

“Pai, nas tuas mãos ENTREGO o meu espírito.” (Lc 23,46)

Assim Pe. Gaspar expressou-se a respeito desta virtude:

“Desacostumar-se de fazer a própria vontade, e tudo realizar como que movidos pela vontade de Deus, a fim de agradar-lhe e honrá-lo”.

“Pouquíssimos são aqueles que entendem o que Deus faria deles, se não fosse impedido em seus desígnios”.

“Nem podemos imaginar as grandezas que Deus realizaria em nós, e quanto faria em nós e por nós, que somos a pupila dos seus olhos, se não dificultássemos a ação da sua graça, mas nos colocássemos livre e inteiramente em suas mãos”.

e) A Humildade

Esta era uma das virtudes que Pe. Gaspar mais amava e praticava. Era uma das que tomava em consideração quando se tratava de avaliar uma vocação sacerdotal. Dizia:

“Se Deus leva alguém à mais profunda humildade, é sinal de que pretende erguê-lo bem alto na vida eclesiástica”.

Tinha pavor de qualquer sombra de orgulho. Escreveu:

“Quanto mais elevados na perfeição da santidade, tanto mais devemos temer. Porque os outros vícios se alimentam de ações pecaminosas, enquanto que o orgulho se nutre, e com muito gosto, das próprias virtudes, ainda as mais altas”.

Paralelamente a esta expressão, dizia aos discípulos:

“Todos os sólidos fundamentos das grandes realizações devem assentar-se na humildade. Se formos humildes, Deus se utilizará de nós para elas em vista da sua glória”.

Dizia sempre que precisamos ser humildes como aqueles bichinhos que se realizam a si mesmos e realizam a glória de Deus permanecendo ocultos no chão, em pequeninas cavidades, ou tocas.

Explicava que o orgulhoso se coloca muito alto acima dos outros e enfrenta o próprio Deus. Mas o tombo, das alturas, é muito maior, e a pancada muito mais grave.

Ao contrário, o humilde nunca se exalta, não se eleva acima de ninguém, dificilmente sofrerá uma queda e, se por acaso cair, não se fará muito mal. Afinal de contas, a queda de quem se acha rente ao chão da humildade não é tão grande.

Baseado nesses princípios, ele mesmo levou uma vida no mais intenso escondimento. Todos os testemunhos a respeito concordam nesse ponto.

De si mesmo tinha uma idéia muito desprezível. Por isso, desejava as humilhações. Achava-se digno delas. Assim declarava, a esse respeito, o Pe. Fedelini:

“Ele imitava Jesus Cristo na humildade de coração. Tal humildade era-lhe muito entranhada. Desprezava a si mesmo intimamente e, em conseqüência, procurava ser desprezado também pelos outros”.

Era uma personalidade rica de dons naturais e sobrenaturais. Com todo o cuidado, evitava exibi-los. Trabalhava, punha em atividade suas qualidades e conhecimentos, que não eram pequenos. Mas tudo atribuía sinceramente a Deus, nada reservando para si senão a frase evangélica:

“Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer”. (Lc 17,10)

Esta humildade transparecia também se alguém lhe pedisse alguma orientação ou conselho. Nunca respondia em nome próprio, mas aconselhava dizendo que tinha lido, ou tinha ouvido, de pessoas sabias e prudentes, uma orientação muito apropriada para o caso em apreço. Tinha sempre o cuidado de se ocultar.

Assim como era profundamente humilde, tratou de induzir os seus filhos à prática intensa da virtude da humildade. Diligenciou por formá-los neste espírito.

Deixou nas suas constituições a orientação correspondente, não em um item apenas, mas em diferentes artigos. Pode-se mesmo afirmar que todo o conjunto das normas que entregou aos seus filhos vem impregnado desta mentalidade humilde que tão bem lhe caracteriza a vida.

Grande alegria experimentava ao notar que seus filhos praticavam, de fato, a humildade. Quando o Pe. Bragato renunciou ao convite ao episcopado, Pe. Gaspar se apressou em dizer-lhe que se regozijava com ele por esta renúncia. Nem deixou de evocar neste ponto a palavra “humildade”.

Quando Deus lhe fazia sentir mais fortemente sua divina presença através de iluminações especiais, então Pe. Gaspar se reconhecia ainda mais miserável e pequeno. Veja-se, por exemplo, o que escreve em seu diário espiritual:

“Muito grande ternura e profunda humildade senti quando tive Jesus em minhas mãos, logo após a consagração na Missa. Eis a suprema bondade junto com a suprema maldade, o mais puro ao mais imundo, o mais santo ao maior pecador”.

Modelo de toda essa humildade? O próprio Jesus Cristo. Assim deixou anotado:

“Adoremos tão grande Senhor. Amemos Aquele que se abaixou tanto. Aquele que se abaixou a ponto de nos amar. Compreendemos assim até que grau de humildade nós devemos nos abaixar para acatar e imitar o seu abaixamento, com o qual Ele desceu e ainda desce para unir-se conosco”.

f) A Castidade

Para Pe. Gaspar, a castidade não se trata de virtude limitada apenas à renúncia, mas sim de virtude que assume a própria renúncia por amor a Deus.

Melhor ainda, trata-se de virtude que põe o sexo no seu devido lugar, e nas suas límpidas finalidades, estabelecidas por aquele mesmo que criou o homem e a mulher como seres sexuados.

Pe. Gaspar colocava no amor cristão, na caridade para com Deus antes e acima de tudo, a base da castidade. Dizia:

“Numa alma tomada pela caridade não existe a libidinagem”.

Aos padres e religiosos afirmava:

“Deus nos chama a competir na terra com a pureza dos anjos”.

Assim, nas constituições, lembra aos membros de sua congregação que devem consagrar-se inteiramente a Cristo e que, por essa razão, devem conservar-se castos de corpo e de alma.

Estabelece-lhes os seguintes meios, a fim de se manterem puros e progredirem na virtude da castidade:

- *Oração e Sacramentos*

  A esse respeito, realça a Confissão e a Eucaristia. Escreve: “Todos tenham grande empenho em aproximar-se, freqüentemente, e com as devidas disposições, dos sacramentos da Confissão e da Comunhão”.

- *Mortificação*

  Do paladar, da vista, do ouvido, da língua, do tato.

- *Fuga do Ócio*

  Para evitar o ócio, quer que se apliquem a trabalhos manuais, ou, principalmente os sacerdotes, ao estudo, que e também um trabalho.

- *Cuidado com os sentimentos*

  Devem ter muito cuidado com os sentimentos, pois pouco a pouco podem descambar para a sensualidade.

Aos que iam procurá-lo como penitentes, era tanta a força do seu exemplo, tão grande o brilho da fisionomia, e tão influente o ardor da sua palavra quando se referia à castidade, que atingia profundamente até os mais viciados, de modo que se convertiam, reestruturavam a vida e passavam a servir de exemplo.

Não se pense, por isso, que Pe. Gaspar fosse uma pessoa rígida, severa e intratável. Pelo contrário. Tinha maneiras ao mesmo tempo gentis e comedidas, afáveis e respeitosas. Era um prazer todo espiritual tratar com ele. Até os pervertidos reconheciam que ele, por esta sua virtude, merecia todo o acatamento.

g) A Pobreza

Jesus afirmou, no seu famosíssimo sermão das bem-aventuranças: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. (Mt 5,3).

O mundo, no sentido mau da palavra, coloca a felicidade na posse e apego das riquezas e na facilidade em consumi-las, gastando-as a capricho nos sonhos de conforto, de prazeres, de posições.

A mentalidade evangélica, anunciada por Jesus, estabelece a felicidade na pobreza em espírito, isto é, a pobreza abraçada em sentido espiritual, por amor ao reino dos céus.

A riqueza traz preocupações e açula o egoísmo. A pobreza assumida desimpede o espírito e estimula o amor. Daí a conclusão de que ela não é nada negativa; muito, ao contrário, é uma energia positiva que ajuda a realizar a pessoa do cristão. A verdadeira personalidade cristã impregna-se deste espírito de pobreza anunciado por Jesus.

Pe. Gaspar compreendeu tal espírito e viveu-o de maneira altamente heróica. Viveu-o e ensinou-o aos outros. Quando percebeu que Deus o chamava para fundar uma congregação religiosa, deixou escrito:

“Para iniciar uma grande obra é preciso adquirir, primeiro, uma grande e heróica virtude. O CAPITAL NECESSÁRIO É A POBREZA, em seguida as outras virtudes”.

No seu convento, queria que se respirasse viva atmosfera de pobreza. Repetia:

“Meus filhos, devemos lembrar-nos de que somos pobres. Se Deus providencia para que haja em casa alguma coisa, não se trata de coisa nossa, mas de coisa pertencente a Deus”.

Vejamos alguns fatos que nos comprovam como Pe. Gaspar viveu o seu ideal de pobreza:

Usava dos objetos com muito cuidado, para não estragá-los, já que o pobre não pode dar-se ao luxo de desperdiçar as coisas. Aplicava esta diligência até nos objetos pequenos e menos caros, como uma folha de papel e semelhantes. Tomava para si o que fosse mais estragado, porque queria viver realmente a pobreza, como um verdadeiro pobre.

As paredes de seu quarto eram desprovidas de qualquer ornamento, sem nenhum quadro. Tinham que ser paredes de quarto de pobre. Esta mesma pobreza transparecia na alimentação, na mobília, em tudo.

O inverno em Verona era frio e úmido. Pe. Gaspar poderia, se quisesse, agasalhar-se muito bem, com todo o conforto. Mas não. Seu agasalho era um velho capote, surrado e remendado; na altura do peito não fechava bem. No quarto não havia estufa ou qualquer outro sistema de aquecimento.

Em 1836, por ordem do bispo, ele resgatou em leilão uma ampla extensão de terreno, que anteriormente já havia pertencido à Igreja. Obedecida a ordem, mas não quis guardar para si aquela posse. Por esta razão, ofereceu-a ao Papa Gregório XVI. Por sua vez, o Papa, comovido profundamente com esse gesto de desapego e amor a pobreza, determinou que o ofertante guardasse o terreno para a congregação.

Pe. Gaspar estava reformando a Igreja dos Estigmas. Uma pessoa rica lhe apresentou insistentemente uma boa soma para ajudá-lo nas despesas. Ele não aceitou. A pessoa depositou o dinheiro sobre o altar e foi embora. Não querendo admitir que a presença do dinheiro levasse a si e aos seus o apego ao mesmo, Pe. Gaspar mandou devolver a soma a domicílio.

Pe. Francisco Cartolari, de origem nobre, ingressado nos Estigmas (veja 7.5), ainda em vida queria renunciar à posse de seus bens em favor da comunidade estigmatina. Não lhe foi dada permissão. Por isso, redigiu o testamento em favor deles: primeiro, Pe. Gaspar, e, se este renunciasse, Pe. Brugnoli, e, na hipótese de renúncia ainda deste, Pe. Benciolini. Pois bem: todos renunciaram, um por um, e a herança acabou ficando com quem de direito, os parentes do extinto. Pe. Gaspar reuniu a comunidade na Igreja, e, para agradecer a Deus aquele gesto de virtude, cantou com eles o "Te Deum", em ação de graças.

h) A Obediência

Esta é uma virtude que Pe. Gaspar tinha na mais alta consideração.

Hoje, fala-se tanto em liberdade, quer-se fazer a própria vontade como meio de realização pessoal. Não se reflete que uma pessoa, habituada a fazer tudo o que quer, torna-se escrava de sua própria vontade, ou melhor, dos seus próprios caprichos, que acabam por dominar a vontade. Escravidão não é liberdade.

Aquele que sabe no momento oportuno obedecer, levando em conta razões elevadas, como, por exemplo, o amor, liberta-se de si mesmo, e assim cresce em liberdade.

A obediência bem entendida e bem praticada, em vez de escravizar, liberta realmente.

São palavras dele:

"Quando uma alma se mostra dócil à voz dos superiores, apesar da repugnância do próprio juízo, então é certamente guiada pelo espírito de Deus".

Ao ter que aconselhar seminaristas ou sacerdotes envolvidos em dúvidas diante das ordens do bispo, ele só tinha uma palavra: Obediência.

Aliás, estabelecia esta virtude como o mais claro sinal de que alguém era chamado à vida sacerdotal. Faltando a disposição de obedecer, faltava também a melhor prova da vocação.

Nem sempre o bispo encontrava fácil acatamento às suas ordens. Então, diante do impasse, apelava para Pe. Gaspar. Este entrava em contato com o renitente e, com palavras carregadas do amor de Deus, e com fervorosas admoestações, até mesmo com os exercícios espirituais de Santo Inácio, atingia o objetivo: levava à obediência a pessoa rebelde.

Uma atitude, para ele inconcebível, era a desobediência ao Papa.

O Papa representa Jesus Cristo na terra; por isso, suas disposições e ordens devem ser respeitosamente seguidas.

Abaixo do Papa, os bispos também mereciam dele a maior veneração. À sua congregação prescreveu a vida de missionários para auxílio aos bispos. Com isto, precedeu os tempos, pois o Concilio Vaticano Segundo, mais de um século depois, veio ressaltar este múnus.

Tanta era a sua respeitosa disponibilidade de obediência ao Papa que lia as suas encíclicas de joelhos!

A virtude da obediência, em Pe. Gaspar, via na autoridade, fosse lá quem fosse a pessoa, o representante de Deus.

E como praticava ele a obediência em seu convento, dado que era ali o superior? Antes de tudo, procurava fazer sempre diligentemente aquilo que parecia ser a vontade de Deus. Obedecia a Deus.

Nos últimos tempos da vida, estabeleceu como superior da comunidade o Pe. Marani. A partir de então, seguia à risca o que o novo superior dispunha, como qualquer outro membro do convento.

Pe. Gaspar também obedecia com o mesmo empenho as leis civis: elas têm o seu sentido necessário e é justo que sejam respeitadas.

Na Casa dos Estigmas funcionava um ginásio, sob a orientação de Pe. Gaspar e seus discípulos. A partir de 1818, o governo civil promulgou normas para os ginásios, com base no principio de que o ensino e de responsabilidade do governo. Pe. Gaspar podia fechar o ginásio, ainda mais considerando que as aulas eram gratuitas. Mas não. Seguiu aqui também o princípio: respeitar e obedecer.

Conseqüentemente, já com 41 anos, com a merecida fama de pessoa ilustre por fartos e profundos conhecimentos, não se considerou deprimido em prestar os exames de habilitação oficial, para ser depois autorizado, como prescrevia o governo, a ensinar em seu ginásio. Depois dele, foram também prestar os mesmos exames os seus padres professores.

Em coerência com estas atitudes, deixou escrito nas constituições de sua congregação, entre os meios de progresso espiritual, o seguinte:

"... a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos, eclesiásticos e civis...". Queria seriamente o respeito a todas as leis.

Da mesma maneira, Pe. Gaspar obedecia as ordens médicas: via nas prescrições dos médicos a manifestação da vontade de Deus, relacionada com a enfermidade que o afetava. Havia dito aos médicos que tinham toda a liberdade de mandar, com a certeza de serem plenamente obedecidos.

i) A Prudência

A prudência leva a gente a optar por uma finalidade certa, a usar os meios adequados para atingi-la, a considerar todas as circunstâncias inerentes ao setor em foco. Assim, por exemplo, alguém opta por uma profissão. Entre muitas, assume a de motorista, depois de bem ponderada a decisão.

Então, tem que procurar a maneira de ser motorista: a auto-escola, os treinos, os documentos, o carro próprio ou de uma firma. Tem que avaliar as circunstâncias: possibilidades de pagamento das despesas para chegar a ser motorista, idade legal para tanto, condições físicas e psicológicas suficientes, conveniências pessoais e da família etc.

O imprudente não avalia nada, não pesa as condições; vai simplesmente fazendo as coisas às cegas, aos trancos e barrancos, errando, tropeçando e, por fim, frustrando-se e desanimando.

Na vida cristã também deve existir prudência: conhecer claramente o fim máximo da vida humana, optar por ele, selecionar os meios mais aptos para atingi-lo. Tudo isto dentro das circunstâncias pessoais de cada um.

Por ser cristã, esta virtude apoia-se na revelação, ensinada por Jesus à sua Igreja, e na graça divina. De outra sorte, não seria cristã.

É evidente que o Espírito Santo é a origem dela: quanto mais uma pessoa é iluminada por ele, tanto mais acertará em seus caminhos espirituais.

Mas nem por isso pode-se dispensar o aconselhamento com pessoas também prudentes e espirituais. Nisso também consiste a prudência.

Pe. Gaspar foi brilhantemente dotado desta virtude, e nela esforçou-se por amadurecer. Realmente o conseguiu, a ponto de se tornar um modelo.

Aos seus Estigmatinos, dizia:

“Filhos, cuidado com as conversas. É preciso que vocês tenham com todos tal circunspeção em confiar-lhes os segredos do coração, que depois vocês não tenham de se arrepender, ainda mesmo quando os amigos se tornassem adversários”.

E recomendava: “Não se fiem de si mesmos, não se fiem da própria cabeça”. Citava, depois, a este propósito, a Sagrada Escritura, dizendo: “Meu filho, não faças nada sem aconselhamento”.

Nos obstáculos e perseguições, nas calúnias mesmo, que sofreu em razão de suas atividades sacerdotais, apesar de corajosamente prosseguir em seus trabalhos, sabendo claramente que fazia a vontade de Deus, punha, em todo o caso, muito cuidado, para, prudentemente, evitar pretextos de falsas acusações por parte dos que o viam com maus olhos. Forte e corajoso, mas não estouvado e imprudente.

Por que muitas pessoas procuravam Pe. Gaspar a fim de buscar nele o conselheiro sempre disposto e seguro? Exatamente por causa da prudência com que ele resolvia as situações e as duvidas. Se já, por natureza e exercício, ele era muito prudente, mais ainda cresceu nesta virtude pela ação do Espírito Santo em seu íntimo.

O Pe. José Fiorio cita o testemunho do Pe. Antônio Bresciani, jesuíta, a respeito da prudência de Pe. Gaspar. Merece ser reproduzida aqui a citação:

“Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura cientifica e literária, uma sabedoria e prudência tão grandes, que eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo.

Os homens mais ponderados e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino, seja em assuntos da alma como nos temas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares... “

As provas da prudência de Pe. Gaspar são numerosíssimas, aduzidas pelas inúmeras pessoas que o conheceram e dos seus preciosos conselhos se serviram.

Entretanto, convém frisar ainda, a prudência de Pe. Gaspar não era, nem podia ser, fruto de um natural privilegiado, apenas. Era-o, sem dúvida. Mas era também, e especialmente, a conseqüência da ação maravilhosa do Espírito Santo naquela personalidade tão aberta à graça divina, dócil a toda a vontade de Deus, ampla em sua grande generosidade.

O Espírito Santo, então, podia guiá-la e iluminá-la à vontade, desimpedidamente. Sua prudência, pois, é o resultado de uma feliz conjunção da obra de Deus na ordem natural, quanto às capacidades da pessoa dele, com a obra de Deus na ordem sobrenatural, quanto às atividades da graça na sua vida cristã.

j) A Mortificação

A mortificação de Pe. Gaspar alcançou um nível que supera de longe os níveis normais de qualquer bom cristão.

Levou uma vida intensa e continuamente mortificada, como tal aceita e procurada sem esmorecimento. Não por simples espírito de vaidosa exibição de insensibilidade à dor: ele queria a mortificação por amor a Deus, em espírito de fé.

Pe. Gaspar e seus filhos iniciaram a vida no Convento dos Estigmas como verdadeiros penitentes. Grassava então uma grande fome na região. Daí tomarem eles motivo para se mortificar pesadamente as refeições (veja 8.1).

Toda a comunidade participava nessa rigorosa penitência. Um dia, coisa extraordinária, o cardápio extravasou porque veio à mesa uma galinha, pronta para comer. Pe. Gaspar perguntou à turma se estavam de acordo em que a galinha voltasse à cozinha. E os heróicos penitentes concordaram sem pestanejar.

Calor? Frio? Cansaço? De nada ele se queixava. Tudo recebia como oportunidade preciosa para se mortificar.

Podia ter escolhido para si o melhor quarto da casa. Mas não. O seu quarto foi o pior, o menos cômodo e o mais frio de todos. Ali, nada de aquecimento, qualquer que fosse, mesmo no mais duro inverno. Somente aceitou o aquecimento, quando, enfermo, o médico deixou ordem nesse sentido.

Assim, compenetrado do desejo de mortificações, ensinava a vida penitente mesmo aos jovens do Oratório. Ao local onde se reuniam para recreio, às vezes os rapazes levavam merenda. Induzia-os a colocá-las todas em comum, e, assim misturadas, distribuía a cada qual uma qualquer. Claro que o rapaz que tivesse levado um alimento melhor podia estar recebendo e comendo algo de menos agradável ao paladar.

Quando ia ao convento de São José e tinha que permanecer à noite lá para atender aos doentes, como sacerdote, jamais aproveitava a cama e o quarto que lhe haviam especialmente preparado. Passava as horas de repouso na capela do convento, cansado e molhado, às vezes, em razão das poças de água em que pisava e se afundava, porque era míope e fazia o trajeto já de noite. E como passava as horas na capela do convento? Sempre o encontravam rezando ou meditando.

O mesmo acontecia quando, como patrono espiritual dos seminaristas, ia aos sábados à noite ao seminário para, de manhã cedo, domingo, pregar a meditação aos estudantes. Todos dormiam, mas ele transcorria a noite na capela do seminário. Ali meditava sobre o assunto a ser tratado no dia seguinte.

k) A Mansidão

Pela mansidão, a gente consegue receber ofensas e injustiças sem perder a calma, como Jesus diante de seus algozes. É uma virtude que nada tem de medrosa.

Há pessoas que recebem ofensas mas não retrucam por puro medo. Isto não é virtude; é fraqueza. Mas há os que podem retrucar, se quiserem, e não o fazem; ou, se retrucam, fazem-no com toda a tranqüilidade, porque sabem superar os ímpetos da irascibilidade e da vingança.

Brilhou também a mansidão na vida de Pe. Gaspar. Quando ele começou o movimento dos Oratórios Marianos, nem todo o clero recebeu a novidade com bons olhos. Há sempre os tradicionalistas, prontos a desconfiarem e combaterem toda e qualquer iniciativa, por boa e eficaz que seja.

Por esse motivo, Pe. Gaspar teve que suportar contrariedades provenientes de elementos do clero. Mas não se afobou. Devagar, foi agindo com calma, até que os sacerdotes viram mais claramente o bem que realizava. Então passaram a apoiá-lo sem reservas.

Perseguições bem mais pesadas foram-lhe movidas pelos maus, que sem disfarces o ameaçavam. Tentavam oprimi-lo pelo medo, para obrigá-lo a interromper sua ação pastoral em favor da juventude. Ele conservou a tranqüilidade e agiu incansavelmente, sem se deixar

amedrontar nem desanimar. Sua obra dos Oratórios Marianos era querida por Deus. Havia de vencer.

Certa vez, um grande inimigo de Pe. Gaspar e de seus Oratórios o ofendeu violentamente. Apelando para todas as forças da mansidão, Pe. Gaspar reagiu tanto contra si mesmo para se manter calmo que sofreu um desmaio e foi ao chão. Desmaiou, mas não cedeu à raiva. O corpo sucumbiu, enquanto o espírito sublimou-se em Deus.

Os jansenistas eram uns hereges muito atrevidos. Como Pe. Gaspar não lhes dava tréguas, começaram eles também a persegui-lo. Ofendiam-no onde quer que o encontrassem, mesmo em público. Pe. Gaspar se calava.

Podia, se quisesse, reduzir ao silêncio toda aquela gente maldosa. Bastava que argumentasse com toda a ampla ciência que possuía, mas preferiu calar-se e mansamente suportar.

A natureza humana agiu em Pe. Gaspar, impelindo-o a tratar o malcriado à altura e dizer-lhe umas verdades bem merecidas. Mas a graça e a virtude da mansidão o convidavam a se conter e suportar a injúria.

Em certa oportunidade, uma pessoa agrediu-o publicamente com pancadas. Em resposta, Pe. Gaspar lhe agradeceu ali mesmo e pediu desculpas ao agressor. Coisas do outro mundo! Certo! Coisas do mundo da espiritualidade, da graça divina, da virtude!

Em resumo, ele jamais se queixava, fossem quais fossem as perseguições, as injúrias, as contrariedades. Viessem de onde viessem, dos maus, dos colegas, do governo. Sua atitude era uma perpétua calma. Gostava, até, de tudo isso, em vista do que diz o Evangelho:

“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Felizes sereis quando vos ultrajarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa no céu.” (Mt 4,10-12)

I) O Zelo

O zelo é uma disposição de amor que leva uma pessoa à oração e atividade para difundir a glória de Deus e a salvação do próximo. É o ardor do apostolado; virtude necessária para um cristão, e absolutamente indispensável para um sacerdote, ou religioso.

Por este motivo, Pe. Gaspar orientava no sentido do zelo as almas que percebia chamadas para uma vocação especial na Igreja de Deus.

O zelo de Pe. Gaspar era uma força vigorosa. Como a energia das cachoeiras, que, devidamente encaminhadas, se transforma na irresistível eletricidade, onde ele entrasse com a sua ação podia-se contar certo com o triunfo da glória de Deus.

Até as consciências mais calejadas se iluminavam e se purificavam. Pecadores sem jeito de arrependimento cediam ao ardor que ele colocava nas palavras, nos olhares, nas atitudes, no incansável cuidado em recebê-los e convertê-los.

Vamos lembrar aqui as principais atividades a que o zelo impeliu Pe. Gaspar:

Fundador dos Oratórios Marianos para a juventude, com mil e uma iniciativas, seja quanto ao aspecto da vida cristã e de piedade, seja quanto à vida de diversões e à vida profissional dos mesmos.

Orientador de diversos fundadores de congregações religiosas e obras de beneficência, em especial a “Congregação das Irmãs da Sagrada Família”, de Leopoldina Naudet. (veja 14.1).

Conselheiro e confessor de pessoas de todas as condições sociais, desde as mais altas até as menos favorecidas. Nunca Pe. Gaspar se negou a atender. Pelo contrário, todos sempre o encontravam em plena disposição, gentil e amigo, pronto a colaborar com sua ciência e virtude. Todos viam nele o sacerdote zeloso, que trabalha apesar de tudo, das doenças e da estafa.

Fundador da Escola dos Estigmas, a qual foi criada e mantida com sacrifício dele e dos professores. Não apresentava o atrativo do lucro. Era gratuita. Era pura e simplesmente uma nova maneira de dar expansão ao seu zelo. Zelo insaciável, sede ardente da gloria de Deus e salvação das almas.

Pregador de tríduos, novenas, retiros, sermões esparsos. Fazia catequese, expunha meditações aos seminaristas, tratava de encaminhar sacerdotes desencaminhados. A serviço do bispo examinava os nomes apontados para provimento de párocos nas diferentes Paróquias da diocese.

Assistia espiritualmente os doentes, mesmo os que, por razão da enfermidade, suscitavam repugnância à natureza humana. Visitava-os com espírito de fé e de zelo, sentindo intimamente grande alegria em levar-lhes uma palavra de religião e de fé.

Não contente com tudo isso, multiplicou o seu dinamismo fundando uma congregação religiosa, hoje chamada Congregação dos Estigmatinos (veja 7.4).

No trabalho de apóstolos de cada um dos membros desta congregação, ele prolonga e amplia os trabalhos de apóstolo de seu espírito laborioso e incansável na salvação das almas.

Este zelo exemplar do Fundador transmitiu-se como impulso irresistível a todos os membros do Convento dos Estigmas.

Não se pode compreender como é que, numa vida tão penitente e repassada de oração, ainda eles todos encontrassem tempo e forças para tamanha atividade religiosa, desde as humildes aulas de catecismo até as aulas na escola; desde o cuidado com os doentes até a orientação espiritual e a confissão de tantas pessoas; desde a pregação mais familiar até os sermões mais solenes.

Aqui, ali, em toda a parte. Verona inteira conhecia aqueles padres macilentos de tanto jejum e sorridentes de tanta gentileza, recolhidos de tanta oração e incansáveis em tanta atividade.

12. As devoções de Pe. Gaspar

Dentre as devoções predominantes na vida de Pe. Gaspar, em primeiro lugar tem destaque a da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tinha-a bem profunda no coração e na vida.

Na Igreja dos Estigmas, entregue aos seus cuidados, realizava, toda sexta-feira à tarde, uma piedosa função em honra da Paixão e Morte de Jesus. Depois do canto de algumas antífonas, Pe. Gaspar era conduzido na sua poltrona ao Altar do Crucifixo para a meditação, que durava cerca de meia hora. Seguia-se depois a adoração das cinco Chagas, com algumas orações apropriadas.

Quem melhor do que aquele homem "chagado" e sofredor poderia penetrar na contemplação do mistério da cruz? Será este um outro típico filão da sua espiritualidade, que Pe. Gaspar quis transmitir a seus filhos.

Fundador de uma congregação religiosa na Casa dos Estigmas, ao lado da Igreja dos Estigmas, só podia mesmo focalizar com diligência e sinceridade as Chagas ou Estigmas de Cristo.

É verdade que tanto a casa quanto a Igreja eram intitulados aos Estigmas de São Francisco de Assis. Contudo, os próprios estigmas, com que fora carismaticamente agraciado São Francisco, não teriam sentido senão quando relacionados aos Estigmas sacrossantos de Jesus.

Pe. Gaspar também tinha em altíssima estima a devoção a Nossa Senhora. Com todo o esmero, ensinava os alunos da sua escola a honrar e imitar as virtudes de Maria Santíssima.

Uma das finalidades do Oratório Mariano era expressamente cultivar nos moços a devoção à Santíssima Virgem. Entre as regras do Oratório se lê:

"Todos os congregados terão como estrita obrigação e como razão de honra a devoção a Maria, considerando-se seus filhos e servos, e como pessoas totalmente consagradas a ela".

Aproveitava toda a oportunidade para desenvolver nos discípulos tal devoção, seja nos sermões, seja nas conversas, seja até nos recreios. Até no recreio? Exato. Quando jogavam uma partida, o perdedor pagava ao vencedor rezando por ele uma Ave-Maria.

Além disso, Pe. Gaspar deva relevante importância ao mês de maio, tradicionalmente consagrado a Nossa Senhora. Todos os dias deste mês, ao fim das aulas, alunos e professores seguiam para a Igreja anexa. Lá, Pe. Gaspar "batia um papo" gostoso com os rapazes sobre Nossa Senhora e suas virtudes. Depois, rezavam alguma oração, cantavam e iam para casa, cada qual no seu rumo.

A experiência comprovou que no mês de maio, assim incitados pelo padre, os alunos se tornavam mais comportados e estudiosos, tendo em vista honrar Maria Santíssima, seja na escola como em casa.

Uma outra devoção muito grande de Pe. Gaspar era por São José. Foi ele quem introduziu em Verona a piedosa prática do mês de março, habitualmente consagrado ao santo.

Propagou-a entre os que se entregavam à sua direção espiritual, como também em diversas Paróquias e comunidades religiosas.

Juntando as duas devoções numa só, costumava celebrar, com grande solenidade e recolhimento, a festa do casamento de Nossa Senhora com São José, a 23 de janeiro. Deixou esta devoção como herança aos Estigmatinos por ele fundados.

13. O Conselheiro Pe. Gaspar

13.1. Conselheiro das vocações

No assunto de vocações, Pe. Gaspar possuía um discernimento a toda prova. Realmente era prodigiosa a sua capacidade, prontidão e segurança com que resolvia consultas a respeito.

Pe. Gaspar rogava a Deus incessantemente aquela sabedoria de que necessitava para julgar e orientar os seus consultadores. Via-se claro que Deus de fato o atendia com luzes excelentes para garantia de suas decisões sobre vocação.

Os bispos de Verona, Dom Lirutti e o sucessor, Dom Grasser, reconhecendo nele esse discernimento extraordinário, nomearam-no examinador das vocações sacerdotais.

Note-se que esse encargo só era confiado a sacerdotes muito prudentes e capazes de penetrar as consciências. Quando se apresentava algum candidato ao sacerdócio, a fim de expor o problema da sua vocação, Pe. Gaspar abria-se numa cordialidade de pai e imediatamente lhe ganhava simpatia e confiança.

Sempre que descobrisse um caso de vocação errada, ou falseada por motivações humanas, mostrava-se cordial como sempre, mas igualmente firme e enérgico em dar a sua negativa para a carreira sacerdotal.

Diante disso, alguns achavam que ele era cruel, por querer impedir o prosseguimento da vocação. Mais tarde, porém, diluído aquele primeiro entusiasmo vazio, feitas melhores considerações sobre o assunto, retornavam para lhe agradecer o voto negativo, pois reconheciam que os errados eram eles mesmos e não o venerando conselheiro.

Quando, porém, Pe. Gaspar descobria, nos que se lhe apresentavam, sinais concretos de verdadeira vocação, então era o primeiro a animá-los, a excitá-los à luta contra todos os obstáculos, a fim de chegarem lá onde Deus os convocava, a Ordenação Sacerdotal.

Esse glorioso mas difícil trabalho de discernir as vocações foi por ele exercido durante muitos anos. Na última fase da vida, oprimido por enfermidade insanável, diminuiu de muito o ritmo de seus atendimentos. Mesmo assim, antes de assumir alguma responsabilidade de vulto em benefício da cura de almas, os padres iam procurá-lo, a fim de receberem dele as orientações oportunas. Sua palavra, de enfermo combalido, ainda confortava, esclarecia, estimulava, como palavra caída do céu.

Vejamos um caso entre muitos: Havia na diocese de Verona uma Paróquia de péssima fama. Nenhum padre desejava ser pároco ali, porque o povo era difícil e rebelde. Aqueles que aceitaram o cargo de pároco, desistiram, como diante de uma façanha impossível.

O bispo resolveu então constituir nesse ofício um sacerdote bom e zeloso, mas ainda jovem. Claro que este procurou evitar a nomeação, mas esbarrou na resolução irrevogável do superior. Refletiu muito. Apesar disso, não conseguia aceitar o cargo. Por fim, sempre seguro, foi aconselhar-se com Pe. Gaspar e expôs-lhe o problema minuciosamente. Disse-lhe também que o povo já sabia daquela nomeação e demonstrava não querê-lo na Paróquia.

Qual foi a resposta do orientador? “Em primeiro lugar, você deve obedecer. O bispo quer? Obedeça! Agora, para ter êxito, faca o seguinte: diga claramente ao povo que você se reconhece muito jovem, sem experiência, e por isso deseja apenas cuidar das crianças. Que os pais mandem, portanto, os filhos menores à Igreja”.

Dito e feito! O jovem sacerdote assumiu a responsabilidade. Tratou logo de ganhar a simpatia dos meninos, dando-lhes algum presente, de vez em quando, e também mostrando-lhes como deviam comportar-se para com os pais. Em pouco tempo, os meninos foram mudando a conduta em casa. Por isso, os pais começaram a apreciar o padre.

É claro que a Igreja não ficou cheia de uma vez. Os adultos iam como que “pingando”, hoje um, amanhã outro, hoje o pai, amanhã a avó, depois um tio. A estima foi crescendo. Todos viram que o padre era mesmo bondoso, educado, cordial. Gostaram dele. Gostaram tanto que se resolveram a freqüentar a Igreja e a corresponder docilmente às orientações religiosas que o novo pároco lhes apontava. Belo êxito dos bons conselhos recebidos ao princípio, antes de tomar posse da Paróquia!

Quanto à influência de Pe. Gaspar na decisão de vocações à vida religiosa, vale exatamente o que já dissemos em torno das vocações sacerdotais. Quando, numa congregação de religiosos, havia problema sobre a vocação de algum candidato, os superiores não tinham dúvida em mandá-lo a Pe. Gaspar. Ele decidiria e sua sentença era tomada seriamente em consideração.

Uma prova disso se encontra na atitude do Pe. Viscardini, mestre de noviços na Ordem dos Jesuítas. Costumava ele enviar a Pe. Gaspar os candidatos de cuja vocação para a vida religiosa não havia suficiente certeza. O que Pe. Gaspar dissesse estava dito: Pe. Viscardini aceitava ou descartava o candidato, de acordo com o julgamento do venerando padre. É que reconhecia nele uma influência muito grande da graça de Deus, e luzes especiais do Espírito Santo para as acertadas decisões deste gênero.

Um outro fato comprova a confiança depositada em Pe. Gaspar no setor das vocações religiosas: Emílio Lippa desejava entrar na Ordem dos capuchinhos. Seu diretor espiritual, todavia, tentava provar-lhe que ele não era feito para aquele gênero de vida. Mas o Pe. Mazza disse ao moço que fosse consultar Pe. Gaspar. O jovem foi. Abriu-lhe toda a situação. A resposta de Pe. Gaspar veio segura e clara: você fará muito bem se atender à vocação para capuchinho.

Não foi preciso mais nada. Emílio Lippa fez-se capuchinho e, como tal, foi ordenado sacerdote. Quando faleceu, tinha fama de santo. Próximo a morrer, Frei Emílio Lippa declarou: “Há sessenta anos visto este hábito. Sinto-me imensamente feliz como capuchinho. Devo gratidão primeiro a Deus, que me chamou, e em seguida a Pe. Gaspar, que me aconselhou a seguir este chamado”.

13.2. Conselheiro do Bispo de Verona

Aos 11 de agosto de 1827, depois de um ministério pastoral apaixonado e incansável, falecia D. Inocencio Lirutti, que havia dirigido a diocese de Verona por quase vinte anos. Ele teve o grande merecimento, graças à sua tenacidade, de renovar profundamente a instituição do seminário e de fazer um grande bem entre seus sacerdotes.

Seu sucessor, D. José Grasser, tirolês de Bressanone, entrou na cidade quase dois anos depois, aos 25 de marco de 1829. As prevenções, mesmo entre o clero, não foram poucas; além do governo civil e militar da Áustria, agora juntava-se também o eclesiástico. Mas o novo bispo revelou-se logo um pastor capaz e bem preparado.

Naquela primavera, o curso de Exercícios Espirituais ao clero foi orientado por Pe. Gaspar. O novo bispo quis estar presente no encerramento, e foi naquela ocasião que encontrou, pela primeira vez, o humilde padre dos Estigmas.

Nasceu mais que uma compreensão entre os dois homens de Deus. A admiração de D. Grasser por Pe. Gaspar e sua obra era tão grande, que um dia exclamou: “Não ficaria maravilhado se, sobrevivendo ao meu Gaspar, o visse proclamado Santo pela Igreja, e destinado às honras dos altares”.

Ir. Paulo Zanolli foi uma testemunha fiel das freqüentes visitas do Bispo a Pe. Gaspar, em busca de conselhos: “Vinha de carruagem pelas quatro horas da tarde e voltava para a casa episcopal às oito”.

13.3. Conselheiro de todos

A Pe. Gaspar não afluíam apenas os sacerdotes e candidatos ao sacerdócio, ou os religiosos e candidatos à vida consagrada. Leigos de responsabilidade e desejosos de vida espiritual o consultavam, seguiam suas orientações com toda a segurança de estarem acertando diante de Deus. Buscavam nele orientações para assuntos espirituais, antes de tudo, mas, sempre que necessário, expunham problemas de ordem doméstica ou de assuntos da vida pública ou privada. Procuravam-no para isso pessoas da classe alta, da classe média ou do povo simples, de toda a profissão e situação social. Quando alguém tinha um problema difícil de resolver, o refrão que ouvia era sempre este: "Vá conversar com Pe. Gaspar".

As pessoas atingidas por alguma aflição, desoladas pelas graves cruzes que tinham de carregar, encontravam no padre aquela palavra substanciosa, saborosa, apropriada, tomada na Bíblia ou exemplificada pela vida dos santos. Quando se retiravam, achavam-se completamente animadas, dispostas a sustentar as cruzes e os espinhos, pois viam as coisas debaixo de outro ponto de vista, a luz do amor a Deus e da vida eterna.

Às vezes, acontecia que padres de outras Paróquias chegavam a reconhecer como inúteis todos os esforços para converter algum pecador mais empedernido. O recurso era colocá-lo em contato com as orientações de Pe. Gaspar. As considerações do conselheiro acabavam por demolir todas as resistências do pecado, e punham o réu de joelhos a seus pés, para uma confissão de convertido, disposto a não pecar mais.

A este propósito, vejamos um caso:

Havia um senhor que gozava de consideração na sociedade e, além disso, tinha muitas riquezas. Um dia, uma bailarina fisgou-o e prendeu-o nos seus tentáculos, como um polvo à sua presa. Bem que o pároco, conhecedor daquela penosa situação, o advertia delicadamente.

Ele desejava romper os laços pecaminosos com ela, mas faltava-lhe coragem. Chegava a chorar de arrependimento; contudo, não conseguia decidir-se a abandonar a sereia.

O padre tomou então por outro caminho. Foi com ele até aos Estigmas, a fim de apresentá-lo a Pe. Gaspar. Deixou-o lá. Pe. Gaspar venceu as incertezas e indecisões do pobre homem. Converteu-o definitivamente, a fim de levá-lo a abandonar por completo aquela pecadora. Vinte anos mais tarde, o convertido continuava a celebrar ano a ano o aniversário de sua volta a Deus.

Um outro caso:

Certa ocasião, foi visitar Pe. Gaspar um advogado de Verona, junto com um dos seus clientes. Era preciso ouvir a opinião do famoso padre numa questão em que entrava o Direito Civil e assuntos de Teologia. Pe. Gaspar ouviu atentamente. Logo após, apresentou a solução com grande riqueza de argumentações, fundadas tanto no Direito Civil como no Direito Canônico. O caso ficou plenamente claro e resolvido.

Ao sair, o advogado lamentou que não tivesse sido escrita aquela doutrina jurídica de que Pe. Gaspar tinha dado provas na entrevista. Seria uma honra para qualquer advogado de fama dar, tão rápida e seguramente, a solução para um problema tão complicado como aquele.

O jesuíta Pe. Antônio Bresciani deixou escrito a respeito: "Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura cientifica e literária uma sabedoria e prudência muito grandes. Eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo. Os homens mais importantes e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino em assuntos da alma e em problemas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares. Quando alguém dizia: "Acho-me perplexo por causa de um problema importante", logo se lhe respondia: "Consulte o Pe. Gaspar"."

14. O incentivo à fundação de ordens religiosas

Como já vimos anteriormente, as Ordens e Congregações religiosas passavam por maus momentos no tempo de Napoleão Bonaparte (veja capítulos 3 e 6).

A Ordem dos Jesuítas havia sido suprimida. Outras Congregações sofreram toda a sorte de repressões, dificuldades e até supressões.

Quando toda a cidade de Verona voltou ao império da Áustria, findas as valentias de Bonaparte, o restabelecimento das antigas Ordens e Congregações esteve sujeito a uma série de processos, documentações, influências. Todavia, as obras de educação da juventude, de orfanatos, de ação social em geral, pertencentes às suprimidas congregações, achavam-se praticamente na estaca zero, à espera de uma iniciativa, de uma liderança, visando a reorganizá-las e dar-lhes vida nova.

Compreende-se, pois, o despertar de carismas especiais, em pessoas chamadas por Deus, para a revitalização da ação caritativa e educativa da Igreja, através de novas congregações e institutos religiosos.

Em Verona, pode-se afirmar, sem sombra de duvida, que poucas foram as iniciativas deste gênero que não tiveram, direta ou indiretamente, o apoio, a orientação e até mesmo o acompanhamento de Pe. Gaspar Bertoni.

Ele foi a alma desse despertar de fé e caridade que a religião restaurava ali, depois das ruínas deixadas pelas lutas, crimes, vandalismos e ódios, alastrados por toda a parte em nome de palavras altissonantes como Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Como se esses objetivos pudessem realmente ser atingidos pelo ódio! São, e não podem deixar de ser, o fruto do amor!

Veremos, a seguir, a contribuição de Pe. Gaspar para a fundação de outras ordens religiosas, além daquela que ele próprio fundou, a dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

14.1. Leopoldina Naudet e Madalena de Canossa

Pe. Gaspar contava seus trinta anos de idade. O bispo de Verona, recém-empossado, entregou-lhe a incumbência de confessor da comunidade que vivia no antigo convento de São José, chamada então Retiro Canossa. Tratava-se de uma comunidade estranha, diferente. Ali encontravam-se Leopoldina Naudet e Madalena de Canossa.

Naquele bairro populoso e miserável da cidade, elas se dedicavam ao apostolado entre as meninas e as adolescentes. Porém não formavam uma só comunidade. Por que? Pelo fato de Madalena de Canossa preferir a educação das meninas pobres, ao passo que Leopoldina Naudet desejava educar meninas de gente de sociedade.

Como se vê, ambas queriam realizar o bem, queriam também trabalhar na educação das meninas; contudo, se Madalena sentia vocação para salvar almas em um ambiente pobre, Leopoldina por sua vez achava que, formando bem direito as filhas dos ricos e dos lideres, contribuía para a orientação cristã desta classe social.

Madalena e Leopoldina, após alguns anos de convivência, perceberam concretamente que, apesar de toda a boa vontade e amizade entre ambas, não poderiam continuar a conviver no mesmo convento. Além do mais, cada uma delas tinha também suas seguidoras e auxiliares como primeiros membros dos respectivos Institutos. Por estas razões, decidiram de comum acordo e com toda a cordialidade separar-se em conventos diferentes.

Assim, em novembro de 1816, Leopoldina com as suas primeiras companheiras despediu-se de Madalena e foi para outra parte, no antigo convento chamado de Santa Teresa. Ali fundou as Irmãs da Sagrada Família. Madalena, de sua parte, fundou as Filhas da Caridade.

Pe. Gaspar foi o encarregado de atender as confissões das alunas, mais as duas fundadoras e suas companheiras, antes da separação de ambas. Quanto à direção espiritual, coisa bem diferente da confissão, Madalena tinha como orientador o Cônego Luís Pacifico Pacetti, e Leopoldina não dispunha de um orientador espiritual no momento.

Contudo, antes mesmo de se afastar da convivência com a comunidade de Madalena, ela, inspirada por Deus, resolveu abrir seu íntimo ao Pe. Gaspar, constitui-lo seu guia nos caminhos da espiritualidade e nas atividades da fundação de sua congregação religiosa.

Não foi sem relutância que deu o passo decisivo para confiar sua vida espiritual à orientação do padre; mas, premida por fortes impulsos da graça divina, acabou cedendo e não se arrependeu. Muito ao contrario, sentiu claramente que se abria um novo período bem seguro para a sua espiritualidade e para a sua congregação.

Pudera! Foi naquele primeiro encontro de orientação que Leopoldina percebeu quanto valia a sabedoria, a virtude, a experiência do Pe. Gaspar. Sabia também que, por meio dele, agia o próprio Deus.

As coisas iam procedendo muito bem, e Leopoldina estava satisfeitíssima com a direção luminosa que lhe dava o seu guia espiritual, seja quanto à sua própria consciência, seja quanto ao estabelecimento de sua congregação das Irmãs da Sagrada Família.

Contudo, um dia o sr. bispo D. Lirutti nomeou Pe. Gaspar diretor espiritual dos seminaristas (veja 6.2). Achava ele que o bem geral da diocese, ligado à formação dos seminaristas, devia estar acima do interesse particular de um convento. Assim, Pe. Gaspar se despediu do cargo de confessor do Convento de Santa Teresa, de Leopondina Naudet.

Acrescente-se que o sr. bispo queria também que Pe. Gaspar fosse o vice-reitor do seminário. Neste ponto, o padre observou-lhe que este cargo não combinava bem com a sua vocação, mesmo porque era impossível exercer direito dois ofícios que não podiam coexistir na mesma pessoa: o de diretor espiritual e o de vice-reitor.

Leopoldina muito fez para que Pe. Gaspar tivesse autorização para continuar a ser seu diretor espiritual, bem como das Irmãs da Sagrada Família. A conclusão de tudo foi que Pe. Gaspar continuou a dirigir Leopoldina Naudet e suas companheiras. Quanto ao atendimento de confissões de Madalena de Canossa e suas Filhas da Caridade, bastavam os quatro anos já dispendidos até esse ponto. Daqui por diante, ele desistia do encargo, pois não era possível dar conta de tudo e de todos.

Para que nos entendamos claramente, convém observar que diferentes são as ocupações de confessor e de orientador espiritual:

O confessor atende as pessoas na confissão, para perdoar os pecados em nome de Jesus; nessa oportunidade, poderá, se preciso, fornecer algum bom conselho ao penitente.

Por sua vez, o orientador espiritual, mesmo que não atenda as confissões de uma pessoa, tem por ofício principal apresentar uma direção de conduta na vida espiritual, sugerir soluções dos problemas que surgem na prática da virtude, esclarecer dúvidas sobre vocação, animar o fervor nas práticas religiosas, e assim por diante.

Numa palavra, o confessor é o ministro do sacramento da Confissão, e o orientador espiritual é o mesmo que conselheiro espiritual.

Quando no dia 4 de novembro de 1816 Pe. Gaspar Bertoni entrou com os seus primeiros companheiros no Convento dos Estigmas, iniciando assim a Congregação dos Estigmatinos,

nesse mesmo dia Leopoldina Naudet, afastando-se de Madalena de Canossa, entrava com suas primeiras companheiras no Convento de Santa Teresa, marcando aí o ponto de partida da sua própria congregação.

Ocupadíssimo em muitas frentes de trabalho, Pe. Gaspar continuou a orientar Leopoldina Naudet, apesar de mais esta responsabilidade absorvente que foi a organização da Congregação dos Estigmatinos.

Uma das orientações importantes que lhe deu Pe. Gaspar foi a seguinte: Leopoldina julgava ser de sua vocação educar meninas ricas, como já sabemos. Seu orientador não concordou plenamente, pois queria que, mesmo dando atenção à formação das ricas, ela não se esquecesse das pobres. Seu argumento era o seguinte: além de educar as meninas de famílias ricas, nada impedia que educasse também meninas de famílias pobres. Ora, se nada impedia esta obra de caridade, por que razão não realizá-la? Naudet compreendeu e seguiu o bom conselho.

Havia igualmente um outro assunto que muito preocupava a fundadora: a redação das normas que deveriam pautar a maneira de viver e de trabalhar, para todos os membros da sua congregação.

Nisto, Pe. Gaspar, com o volume de conhecimentos teológicos, bíblicos e canônicos que possuía, foi para ela um orientador seguro e clarividente, piedoso e fiel à vontade de Deus. Amparou-a nas graves dificuldades surgidas nos trâmites legais para a aprovação por parte do governo imperial de Viena.

Alcançada a aprovação do governo civil, tratou-se da aprovação proveniente da Santa Sé. Por fim, graças à lucidez e persistente orientação do Pe. Gaspar, Leopoldina pode considerar-se tranqüila e feliz. A sua congregação ia então deslanchar no progresso da virtude e das atividades educativas.

Não se limitou Pe. Gaspar a ser apenas orientador de Leopoldina. Por iniciativa desta, servia de guia a toda a comunidade por ela fundada, formava o plano de ensino, selecionava os textos escolares, emprestava livros, num vivo e despretensioso interesse de que tudo corresse às mil maravilhas, na medida do possível, para a glória de Deus e o bem das almas.

Pe. Gaspar prosseguiu nos trabalhos de orientador espiritual e intelectual do novo instituto de Naudet até o ano de 1819. Então, encerrou estas beneméritas atividades. Por que assumiu esta atitude? Porque, nas suas regras, tinha já programado incluir a proibição de assumir encargos perpétuos, a fim de permanecer mais disponível à solicitação dos bispos, em qualquer necessidade.

Tinha razão: se era o fundador de uma congregação religiosa, o redator de suas regras, deveria ser também o primeiro a dar o exemplo da mais perfeita observância das mesmas. Leopoldina, por sua vez, insistiu com ele, pedindo-lhe que continuasse a orientar a ela e às suas companheiras. Pe. Gaspar, porém, permaneceu firme na sua decisão. Ponto final! Só de vez em quando, por exceção, dava uma ou outra orientação em casos especiais, mas a direção espiritual propriamente dita estava terminada.

14.2. Padre Rosmini

Vejamos agora as atividades de Pe. Gaspar como orientador de um outro importante personagem, também fundador de Instituto Religioso, o Pe. Antônio Rosmini.

Rosmini planejava fundar uma congregação religiosa para homens, o Instituto da Caridade. Pe. Gaspar ouviu-lhe atentamente o ideal e estimulou-o a realizá-lo. No intercâmbio das orientações, surgiu uma verdadeira amizade entre ambos, apesar da diferença de quase vinte anos de idade entre eles, sendo mais novo o Pe. Rosmini.

Pena é que esta amizade sofreu um afastamento quando Pe. Gaspar percebeu que o amigo falhava em sua atitude disciplinar para com a Igreja. Na sua dedicação à Igreja, ao Papa, ao Bispo, não podia suportar que alguém tivesse a audácia em se pronunciar em desfavor deles.

Pe. Rosmini, com toda a sua boa intenção, pois era uma alma virtuosíssima, assumiu esse inesperado comportamento. Daí a ruptura de relacionamento entre ambos.

Acontece que foram condenadas pela Igreja duas pequenas obras de Rosmini, a saber: "A Constituição" e "As Cinco Chagas da Igreja". Devemos, porém, reconhecer que Pe. Rosmini, uma vez conhecida a condenação, aceitou-a humildemente e declarou-se filho obediente da Igreja.

14.3. Teodora Campostrini

Uma outra pessoa recebe de Pe. Gaspar as luzes de sua orientação na fundação de novo instituto religioso: trata-se de Teodora Campostrini, de Verona.

Ela fundava então a Congregação das Irmãs Mínimas da Caridade de Maria Virgem das Dores. Em primeiro lugar, foi consultar Pe. Gaspar relativamente à sua vocação.

Seria ela chamada à vida religiosa? Tudo bem examinado no diálogo entre ela e o sacerdote, a resposta do homem de Deus foi positiva: a vocação para a vida religiosa de Teodora Campostrini era válida e genuína.

A partir daí, as solicitações dos conselhos de Pe. Gaspar tornaram-se freqüentes. As coisas foram se esclarecendo sempre mais. O padre notou com segurança que ela era convocada por Deus a fundar novo instituto religioso. Ajudou-a a redigir as regras da nova congregação, animou-a a prosseguir nos trabalhos, nem sempre livres de embaraços, para obter a aprovação tanto por parte do governo imperial austríaco quanto por parte da suprema autoridade eclesiástica.

Vencidas as dificuldades, dissolvidos os problemas à luz das orientações de Pe. Gaspar, o Instituto ganhou solidez através das aprovações de ambas as autoridades.

14.4. Pe. Nicola Mazza

Não terminam aqui as atividades de benemerência de Pe. Gaspar, no que se refere à orientação em favor de fundadores de obras e institutos religiosos. Pe. Nicola Mazza, também de Verona, é outro personagem que o escolheu como seu guia e fonte de estímulo nas iniciativas neste sentido.

Pe. Nicola Mazza fundou diversas obras de beneficência em sua terra natal. Primeiramente, estabeleceu o Instituto de Educação Doméstica para meninas pobres, a fim de tirá-las do perigo de serem absorvidas pela vida desregrada em troca de dinheiro e subsistência. Uma vez eliminado esse perigo, tencionava prepará-las para, mais tarde, ser boas donas de casa e mães de família.

A segunda obra de beneficência que Pe. Mazza organizou foi a Casa de Educação, destinada a rapazes bem dotados de inteligência e bem comportados, mas pobres, os quais, exatamente por causa da pobreza, jamais conseguiriam atingir um grau de estudos mais elevado para melhor se realizarem e melhor servirem à sociedade.

Como se pode ver, são duas obras muito importantes para a formação de determinada categoria de jovens. Entretanto, a fundação desses dois estabelecimentos não podia ser atuada sem a vitoria sobre uma série de dificuldades e problemas.

A quem recorreria o Pe. Nicola? Em Verona, todos, em semelhantes circunstâncias, sabiam o endereço da solução: a casa de Pe. Gaspar. Para lá se foi também o Pe. Nicola. Expôs-lhe a situação, a falta de meios, o desnorteamento em que se encontrava diante dos fatos difíceis.

Pe. Gaspar, alma totalmente enfronhada em Deus, de Deus recebia luzes especiais para dirigir e nortear pessoas. Por isso, tudo ficou plenamente elucidado e bem encaminhado por ele. Pe. Gaspar falou, e Pe. Nicola agiu conforme o seu conselho.

Um sinal de importância do conselheiro nas graves decisões de Pe. Nicola encontra-se no fato seguinte: Pe. Gaspar já havia morrido. Pe. Nicola organizara um grupo de missionários, destinados a pregar aos selvagens do Centro da África. Antes da partida, mandou-os fazer os Exercícios Espirituais na Casa dos Estigmas, onde estava sepultado o prudente conselheiro de todas as iniciativas humanitárias daquele tempo em Verona.

Um fato inaudito naquela época, principalmente na Europa, e conseqüentemente na Itália, foi o conselho de Pe. Gaspar a respeito de algumas meninas de cor preta.

Aqui no Brasil o negro é parte importante de nossa sociedade, e faz um conjunto só com todos os brasileiros. Lá, o negro não é numeroso, é uma raríssima exceção. Pois bem. Um dia alguém pediu ao Pe. Nicola Mazza que aceitasse, no seu estabelecimento para educação de meninas, algumas de cor preta, que um bondoso padre, Nicolau Olivieri, havia resgatado da escravidão.

Pe. Mazza ficou duvidoso: aceitá-las entre as brancas, ou não? Resolveu que não. Entretanto, foi aconselhar-se com Pe. Gaspar, que respondeu que as aceitasse, pois elas também são gente e precisam de ajuda.

Pe. Mazza aceitou o conselho, mas expôs ao Pe. Gaspar a sua preocupação com relação ao que seria das meninas negras quando elas crescessem: quem daria emprego a elas? Quem vai querer casar-se com elas? “Não se afobe”, respondeu Pe. Gaspar. “Você vai ver que Deus providenciará uma solução honrosa para elas.

Confiando nas palavras de Pe. Gaspar, Pe. Mazza matriculou-as no seu estabelecimento. Incrível! Daí resultou uma nova obra de Pe. Nicola: o Instituto para as Missões Africanas. Deste instituto saiu o primeiro grupo de missionários que se destinava à África.

14.5. Pe. Bresciani

Há na Igreja uma instituição muito benemérita no setor hospitalar e fundada por São Camilo de Lellis: são os Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos. Mas esta instituição ainda não existia em Verona, no tempo de Pe. Gaspar.

Um sacerdote, Pe. César Bresciani, capelão do hospital de Verona, após ter lido a vida de São Camilo, resolveu introduzir na sua cidade aquela instituição. Começou ingressando nela ele mesmo.

Aliás, ali ingressando, tomou o nome de Camilo. Fácil não foi levar a cabo o seu intuito de trazer para Verona os Camilianos, como são chamados popularmente os membros do Instituto de São Camilo. Os obstáculos se erguiam em todas as direções. Um dos sustentáculos que encontrou Pe. Bresciani para levar de vencida todas as dificuldades e realizar o seu plano foi o Pe. Gaspar Bertoni.

Palavras textuais de Pe. Bresciani afirmam que “Pe. Gaspar regara os primeiros germes com os seus conselhos, encaminhara as primícias, educara os meninos na sua escola e transferira-os para a nossa Ordem”. Isto é, entre os rapazes educados na sua escola, Pe. Gaspar não duvidava em encaminhar para a Ordem dos Camilianos aqueles que julgava terem vocação para aquele estilo de vida e de ideal.

14.6. Pe. Provolo

Depois de todas estas atividades em prol dos fundadores e fundadoras de instituições religiosas e beneficentes, poderíamos supor que não sobrasse tempo nem disposição a Pe. Gaspar para distribuir atenções a mais ninguém. Quem assim pensasse não teria formado

idéia certa daquele homem extraordinário, da sua imensa capacidade de trabalho, da sua extremada virtude.

Podemos apresentar outros personagens, seus consulentes em assuntos complexos e de amplo renome como fundadores de obras caritativas e humanitárias. Limitemo-nos a mais um. O Pe. Antônio Provolo constituiu em Verona a Companhia de Maria, cuja finalidade visava a educação dos surdos-mudos.

Quanto à influência de Pe. Gaspar no caso, basta ler o que o próprio Pe. Antônio escreveu: declarou que, sempre, nas suas incertezas, recorreu a Pe. Gaspar e sempre dele recebeu esclarecimentos para se conduzir pelas vias mais certas. Quando Pe. Provolo faleceu, sucedeu-lhe o Pe. Luís Maestrelli no governo do instituto nascente.

Ele deixou o seguinte documento, a respeito de Pe. Gaspar:

“Ele era a pérola do clero veronês, o estimulador de todas as obras religiosas que surgiam na cidade, o anjo do conselho a que recorriam todos os que se encontravam lutando com assuntos complicadíssimos, o conhecedor profundo de todas as pessoas que gozavam de alguma celebridade, o homem de bom senso extraordinário e de uma virtude que o qualificava como santo. A ele procuravam conhecer pessoalmente os personagens mais importantes, que por qualquer momento se encontrassem em Verona. Sempre, a sensação que todos tinham superava de muito as expectativas.”

15. Enfermidade e morte de Pe. Gaspar

Vimos, em 8.4, em linhas gerais a descrição da enfermidade que acometeu Pe. Gaspar. Vejamos, agora, em maiores detalhes, o desenrolar de sua enfermidade, que nos permitirá, depois, entender como ele aceitou e viveu a sua doença, e o que fez, apesar dela.

15.1. A primeira grave enfermidade

Quando, em 1812, manifestou-se o primeiro sinal de enfraquecimento de sua constituição física (Pe. Gaspar estava com 35 anos), ele acabara de voltar do Convento de São José, onde tinha ido prestar sua assistência sacerdotal.

Sentiu o corpo exausto, e uma febre alta. Os tios, com quem morava, chamaram o médico, e constatou-se uma gravíssima doença contagiosa, conhecida por “miliar”. As condições físicas do paciente decaíram rapidamente, e em poucos dias o paciente chegou à beira da morte.

Administrou-se-lhe a Unção dos Enfermos. Na tarde do dia 25 de outubro, ditou as suas últimas vontades ao tabelião, e deu aos amigos mais chegados, os que o queriam seguir na congregação que desejava fundar, orientações a respeito dessa obra.

Estavam presentes, junto ao leito: Pe. Nicola Galvani, Pe. Mateus Farinati, Pe. Caetano Allegri e Pe. Michelangelo Gramego.

O seu biografo lembra que, “embora jovem sacerdote, Pe. Gaspar era tão estimado e venerado junto ao clero, tido em tanta estima e veneração no meio do povo, que foi uma oração unânime para que o Senhor devolvesse a saúde a um ministro tão trabalhador, a uma alma tão cara e preciosa”.

Clero, povo em geral, toda a cidade se comoveu pela notícia, como diante de uma calamidade pública. Rezaram, seja em particular, seja em comum, nas famílias e nas igrejas. Deus haveria de ouvir tantas orações.

Deus ouviu, e dois dias depois Pe. Gaspar estava fora de perigo. O projeto a que Deus o orientava estava apenas esboçado, e não havia chegado ainda o momento da chamada definitiva.

Todavia, o seu restabelecimento não foi por muito tempo. Por diversas vezes, nos anos seguintes, ele teve suas recaídas, umas mais prolongadas, outras menos. Freqüentes acessos de febre o obrigavam a permanecer no leito por algum tempo.

15.2. Segunda grande enfermidade: as feridas na perna

Entretanto, a partir de 1824 a doença declarou-se mais violenta e dolorosa. Aí começou uma série de tormentos incríveis, assumidos pelo virtuoso sacerdote com todo o acatamento e amor a Deus.

As feridas, que começaram em sua perna, foram tratadas pelos médicos com operações cirúrgicas que nada tinham das possibilidades técnicas e anestésicas disponíveis hoje. O ferro do operador rasgava as carnes profundamente, às vezes com cortes maiores do que um palmo, sem nenhuma anestesia.

Era preciso cauterizar, isto é, queimar, e isto também era feito sem nenhuma anestesia. Furava-se o osso também sem nenhuma anestesia.

O mal foi crescendo, subiu pela coxa acima. As operações, os cortes, as cauterizações se repetiram nas mesmíssimas condições de martírio.

Por quase cinco anos se prolongou a enfermidade. Pe. Gaspar passou-os, entre algumas leves melhoras e novas recaídas, na cama ou numa poltrona.

Segundo cálculos aproximados, as operações a que ele teve de submeter-se chegaram a somar entre duzentas a trezentas. Entretanto, nunca lhe saiu dos lábios uma queixa, muito menos uma revolta.

Nas dores da cirurgia, rezava e comunicava aos médicos que fizessem tudo o que tinham que fazer, contanto que o deixassem rezar.

Quando lhe furaram o osso, escaparam-lhe lágrimas pela intensidade do sofrimento; mas somente lágrimas. Nenhum grito, nenhum "ai".

Tudo nele era fé em Deus, paciência e entrega total à Providência Divina. Os próprios médicos declararam-se maravilhados: diziam que, em toda a vida, o caso de Pe. Gaspar era o único de grande e inimitável virtude.

A maior penitência nesses cinco anos foi a impossibilidade de celebrar a Santa Missa e de se dedicar plenamente às suas orações habituais. A não ser em períodos de leve melhora, apenas conseguia participar da Missa celebrada por outro padre, em pequena capela contígua ao quarto dele. Era este o seu único e anelado conforto, no meio de tanto sofrimento.

Finalmente, em 1828 recuperou a saúde. Mas não se pense que a cura tenha sido plena e definitiva. Já não podia sair de casa com aquela facilidade antiga, pois a perna não lhe dava segurança. às vezes tinha mesmo que se por de cama, durante uma temporada, para resguardar a pobre perna direita, vítima da doença e do tratamento.

15.3. Sua última enfermidade

Entre altos e baixos, Pe. Gaspar foi vivendo, mais ou menos reconstituído, até o ano de 1839, quando a última enfermidade a que seria acometido começou a dar os seus primeiros sinais.

Em agosto de 1839, Pe. Gaspar havia terminado de pregar um sermão. Com dificuldade subira ao púlpito. Daí desceu para voltar ao quarto, onde ficou habitualmente, a não ser em raras exceções, variando entre a cama e a poltrona.

Apesar de todos os cuidados médicos e de enfermagem, o mal ia se agravando, ano após ano, até que, em 1842, acabou por travá-lo definitivamente no leito, pelos onze anos finais de sua vida.

Esta última enfermidade ficou sem definição clara. Não se tratava da volta dos males da perna, que já haviam ultrapassado a sua fase mais aguda havia algum tempo.

Pe. Gaspar celebrou sua última Missa aos 10 de setembro de 1843. Em seguida, ficou por dez anos, até a morte, sem este conforto mais querido. Não foi uma doença particular que o privou da celebração da Eucaristia, mas as pernas não o governavam mais, e naquele tempo não havia permissão para celebrar sentado.

Os últimos trinta meses da doença foram um contínuo martírio. Todavia, ele achava sempre excessivos os cuidados dos médicos e dos seus filhos para com o mal que o estava consumindo.

Era um verdadeiro tormento cada vez que devia ser virado ou mesmo tocado, por causa de uma grande chaga nas costas, que lhe provocava dores atrozes. As únicas palavras que lhe saíam da boca eram uma oração ou uma jaculatória.

Estava subindo lentamente o Calvário; a cruz que Deus lhe havia preparado o pregou no leito sem a possibilidade de um mínimo movimento.

Quando faltavam cinco meses para o falecimento, os sofrimentos se tornaram simplesmente indescritíveis. Tinha que permanecer completamente imóvel. Sozinho, não conseguia mover nenhum dos membros, nem mesmo a cabeça ou um pé. O corpo todo lhe doía. Assim, tinha

que manter continuamente, dia e noite, a mesmíssima posição em que se achava. Tinha que pedir o favor de lhe moverem uma perna, um braço, ou de erguê-lo um pouco, a fim de suavizar-lhe um tanto o sofrimento.

Bastava tocá-lo para que sentisse dores muito fortes. Feridas e pruridos havia por todo o corpo. Tanta era a coceira, que chegava a sentir espasmos, sem que nada pudesse fazer para suavizá-la, devido à imobilidade a que estava condenado.

Dia após dia, a enfermidade ia se agravando, cada vez mais. Cresciam as dores, ardiam-lhe as feridas. Havia momentos em que, apesar de todo o seu treino na penitência e na paciência, desabafava com as pessoas de casa, dizendo: “Se soubessem, meus filhos, quanto sofro de dor e amargura! Se Deus não me auxiliasse, vocês podem crer que eu me veria desesperado!”.

Fixava os Sagrados Estigmas no crucifixo na parede do quarto, contemplando aquela representação do amor heróico e doloroso, e se animava a imitá-lo cem por cento.

Como se todos os sofrimentos não bastassem, ainda surgiu mais um: devido à posição de imobilidade contínua, deitado de costas, foi-se formando nas costas uma ferida. Ele não disse nada a ninguém. Suportou calado, dentro do seu avançado espírito de penitência.

Mas, um dia, pequenas manchas de sangue na camisa chamaram a atenção do enfermeiro. Diante desta descoberta, Pe. Gaspar ordenou-lhe que não o dissesse a ninguém. Calou-se o assistente, mas não por muito tempo.

Visto que as manchas aumentavam de tamanho, achou que devia desatender as ordens do padre e comunicou o fato aos responsáveis, para que tomassem as necessárias providências.

Chamado, o médico veio logo. Examinado o ferimento, ficou abismado. O tamanho da ferida denunciava que há muito tempo o enfermo curtia a dor e os incômodos dela. A chaga era tão profunda que atingia o osso. Só mesmo a paciência de pessoa muito amiga de Deus...!

O médico vinha duas vezes ao dia para fazer os curativos. Nesses momentos, durante quase dois meses, tinha que ser virado em diferentes posições por algumas pessoas, dado que, sozinho, não o conseguia. Mas aí, também, havia nova fonte de sofrimentos, visto que toda a superfície do corpo estava dolorida. Bastava tocá-lo para que ele sentisse dores agudas.

A todos esses males, sobreveio ainda uma grande falta de apetite. Qualquer que fosse a comida, nada lhe apetecia. Tenta-se um alimento, tenta-se outro, e nada. Um dia, parecendo-lhe que lhe abriria o apetite uma sardinha, pediu-a, mas olhava para ela e perdia a vontade de tomá-la.

A um mês e meio da morte, mais ou menos, sustentou-se com algum sorvete, um pouco de aspargo e de amoras. Mas também aqueles parcos alimentos vieram a causar-lhe enjôo.

A partir de então, nada mais comeu. Nos últimos dias não estava ainda em condição de tomar nada: só algum pedacinho de gelo para aliviar o ardor da febre.

Único alimento verdadeiro das últimas semanas de vida: a Eucaristia, o mais forte alimento espiritual.

Apesar da extrema debilitação do corpo, como conseqüência da doença e da falta de alimentação a que estava obrigado, sua mente conservou-se lúcida, praticamente até o fim dos seus dias. Serviu-se desta disposição favorável para aplicar-se com esmero aos exercícios de piedade, tal qual havia feito em toda a vida.

Passava as noites de insônia e de dor na meditação, na recitação do terço. De acordo com a sua própria declaração, costumava ficar ocupado em meditação sobre a Ave-Maria por horas

seguidas, quando não a noite inteira. As pequeninas orações jaculatórias saíam-lhe dos lábios numerosas e fervorosíssimas.

Parece que Deus recompensou-lhe a piedade e a paciência ainda antes da morte. De umas expressões suas dirigidas ao Irmão Coadjutor que o assistia, pode-se razoavelmente concluir que teve uma visão celeste. Não era delírio nem auto-sugestão: Pe. Gaspar estava isento desses fenômenos mórbidos. Nem mesmo chegou a perder a lucidez mental nos momentos mais agudos da doença.

Portanto, o que teve foi realmente uma visão, que Deus lhe concedeu para fortalecê-lo ainda mais nos duros transes por que ia passar, à medida em que se aproximava o término da vida.

15.4. A morte de Pe. Gaspar

Na manhã do último dia, domingo, 12 de junho de 1853, o doente devotamente, como de costume, recebeu a santa Eucaristia. Isto, em perfeito jejum, por sua vontade. Nem mesmo água admitiu tomar, apesar da febre e da fraqueza, tal era a veneração que prestava ao Santíssimo Sacramento. Permaneceu conversando com Jesus, presente em sua alma.

Depois, as forças foram diminuindo, e ele caiu num desfalecimento profundo. O rosto tornou-se pálido e banhado de suor frio. A fraqueza era tanta que o doente nem gemia, nem mesmo pedia mudança de posição. É que a morte se aproximava.

Após o meio-dia, perdeu os sentidos. Mas, atendido imediatamente, voltou a si e agradeceu aos filhos a bondade e amor que lhe dedicavam.

“Padre - perguntou-lhe um irmão - o senhor precisa de alguma coisa?”

“Preciso sofrer”, respondeu.

Palavras audaciosas, que só um grande amor a Deus pode explicar!

Depois, confessou-se com o Pe. Marani, o primogênito da congregação. Recebeu com vivos afetos a Unção dos Enfermos, também a benção papal com a indulgência plenária, própria dos moribundos.

Enquanto isso, os sinos da Igreja dos Estigmas tocavam pausadamente badaladas compungidas, para avisar ao povo que Pe. Gaspar agonizava. Era o costume daqueles tempos.

Pelas três horas da tarde, três padres de Pe. Gaspar se encontravam em outros tantos Oratórios da cidade para a “doutrina cristã” à quarta classe. Os “missionários apostólicos” estavam no seu posto, para anunciar as maravilhas do Senhor.

O quarto, Pe. Marani, havia deixado Pe. Brugnoli rezando as orações do Ritual ao pé do moribundo, e partira para o seu compromisso no Oratório. Mas, daí a instantes, estava de volta. Não podia sair! Afinal, era ele quem fazia as vezes de superior da comunidade. Mandou alguém dizer ao pároco que não podia comparecer naquele dia, por evidente e gravíssima razão.

Retornando apressado ao quarto do enfermo, e interrompendo as orações de Pe. Brugnoli, exclamou: “Não vêem que já morreu?” Ninguém havia reparado. Sua morte havia sido tão serena que ele se evolou para Deus sem dar sinal nenhum que chamasse a atenção.

Foi para o céu como tinha vivido: OCULTAMENTE. Até parece que sua humildade apelou uma última vez para a Providência Divina, tal qual tinha apelado em todos os instantes da vida.

Eram três e meia da tarde. Nessa hora cessaram as chuvas que torrencialmente inundavam as regiões de Verona. Coincidência? Ou primeira intercessão de Pe. Gaspar no Paraíso? De qualquer maneira, lá estava o arco-íris, símbolo de paz e bonança...

O sino maior dos Estigmas anunciou a Verona a morte de um santo...

15.5. O sepultamento de Pe. Gaspar

A primeira frase que escapou da boca de toda a população de Verona, ao propagar-se a noticia da morte de Pe. Gaspar, foi: MORREU UM SANTO. Por isso, não é para estranhar o fato de que no velório na Igreja dos Estigmas tenha comparecido tanta gente.

Muitos chegavam a solicitar alguma relíquia ou lembrança do virtuoso extinto. No dia seguinte, treze de junho, festa de Santo Antônio, seria feita a transladação do cadáver para a Igreja Paroquial da Santíssima Trindade, em cujo território estavam situados a Igreja e o Convento dos Estigmas.

De manhã, o povo realizou uma solene procissão em louvor de Santo Antônio, conforme costumava todos os anos naquele dia.

À tarde, concorreu de novo, com a mesma devoção, para os funerais de Pe. Gaspar na Igreja Paroquial. Quem transportava o caixão pelas alças eram os jovens pertencentes ao Oratório Mariano dos Estigmas. Bem que lhes cabia esta honra!

O cortejo fúnebre não se dirigiu diretamente à Igreja Paroquial, que fica ali perto. Visando satisfazer ao povo, prolongou o trajeto por diferentes ruas da cidade, antes de se dirigir ao seu termo. Mais do que simples funerais, o ato foi uma glorificação.

Estava marcado para o dia seguinte, catorze de junho, o seu sepultamento no cemitério da cidade. Contudo, foi sustada a execução do plano, tendo em vista que foi sugerido o sepultamento na Igreja dos Estigmas. Para tanto, era necessário requerer e esperar a autorização imperial de Viena.

Resolveu-se que, enquanto isso, o corpo do falecido padre ficasse conservado numa dependência da Igreja Paroquial, sendo encerrado com o caixão dentro de outro caixão metálico.

Para que viesse favorável o despacho de Viena, passou-se um ano e um mês. Até que, em doze de julho de 1854, os padres do Convento dos Estigmas ficaram sabendo que podiam providenciar a sepultura do seu amado Fundador na própria Igreja dos Estigmas.

Isso aconteceu a 30 de julho de 1854. Renovou-se também o cortejo triunfal de todo o povo da cidade, numa grandiosa manifestação de apreço pela virtude heróica do falecido e de gratidão pelos inúmeros benefícios espirituais difundidos por ele naquela cidade.

15.6. A enfermidade como “Escola de Deus”

Examinemos, agora, alguns aspectos, principalmente no tocante à maneira como ele aceitou e viveu a sua enfermidade, a qual tem na sua existência um papel decisivo.

Teria ele esmorecido no seu zelo pela salvação das almas? Teria interrompido as atividades sacerdotais? Longe disso! Antes de tudo, sempre que lhe era permitido, aplicava-se aos exercícios de piedade, aos quais se omitia somente por prescrição médica ou por absoluta impossibilidade. Por isso, diariamente não podia faltar-lhe a Missa, celebrada ou participada, a meditação, a recitação do Ofício Divino.

Durante o dia, permanecia à disposição de quem o fosse procurar para confissões, para aconselhamento e orientação, para a solução de algum assunto intrincado. Além disso, dava-se à pregação da palavra de Deus, mesmo no seu próprio quarto, quando não podia arrastar-se até a capela.

Era interessante observar, por exemplo, um grupo de seminaristas a lhe cercarem o leito, enquanto, pregando-lhe os exercícios espirituais, ele derramava palavras ardentes de sabedoria cristã, entremeadas abundantemente com citações da Sagrada Escritura.

Não se esquecia de entrar em contato com o pessoal de sua comunidade, aos quais se esforçava por comunicar o verdadeiro espírito de um bom e virtuoso Estigmatino. Em horas vagas, lia o jornal, para se colocar a par dos acontecimentos e assim melhor exercer o seu ministério, sempre com o coração no céu, mas com os pés no chão, na realidade dos fatos.

Em tempo oportuno, recitava mais uma parte do Ofício Divino. Após isto, continuava a trabalhar no atendimento, ou a estudar, que do estudo nunca fugiu.

O interessante é notar que, em meio a todas estas atividades, em contato com tanta gente que o buscava para problemas e angústias, ele jamais deu sinal sequer de enfado ou impaciência. Parecia que se encontrava nas melhores condições de saúde, tamanha era a atenção e gentileza no trato com todos, quem quer que fosse.

As enfermidades o apanharam em plena vida, cheio de dinamismo sacerdotal, aos 35 anos de idade. Daí por diante, sempre viveu achacado. Desde 1812 até 1853, ano de sua morte, curtiu sempre uma íntima e crua experiência com a enfermidade.

Cerca de quarenta e um anos, portanto mais da metade da sua vida, foram empregados a lutar por um crescimento sempre maior na espiritualidade através da doença, que só pode abater os fracos, mas contribui para a progressiva realização dos fortes e dos heróis.

A caridade e a delicadeza levaram-no a suportar ao máximo dores, prurido e cansaço, antes de solicitar o auxílio dos assistentes. Não queria incomodar ninguém. Só o fazia se fosse imperioso. Quando o Irmão Paulo Zanolli o atendia de noite, Pe. Gaspar o mandava deitar-se e dormir. O irmão se queixava de que o enfermo não lhe pedia nenhum serviço, bem sabendo quanto ele precisava de atenções. Mas ele preferia passar horas e horas sofrendo, sem lenitivo, a incomodar o irmão assistente.

Às vezes, escapava-lhe algum gemido, tantas eram as dores. Eram, porém, gemidos de um gênero muito elevado: invocações dos nomes de Jesus e Maria. Nessas horas, caso os assistentes lhe perguntassem se precisava de algum socorro, a resposta era seguramente esta: “Durmam, meus filhos, durmam; não façam caso das minhas impertinências; quando for necessário, chamarei”.

Era igualmente gentil e caridoso tanto com as pessoas de casa quanto com as pessoas de fora, mesmo em ocasiões em que outros teriam sido ásperos e rudes. Veja-se este fato:

Nos últimos tempos de sua enfermidade, o médico deixou correrem vários dias antes de visitá-lo, apesar de Pe. Gaspar ter necessidade da presença dele. Quando, por fim, apareceu, o padre não só o recebeu sem comentários negativos, mas também lhe pediu desculpas pelo incômodo que lhe dava. Tudo isso com muita humildade e gentileza, de tal modo que o médico se emocionou e lhe pediu que o desculpasse.

Em primeiro de junho de 1814, na vivência de sua primeira enfermidade (veja 15.1), Pe. Gaspar escrevia, em uma carta a Leopoldina Naudet, a quem orientaria mais tarde na fundação de uma congregação religiosa (veja 14.1): “Reze a senhora, por caridade, para que eu tire fruto da escola que o Senhor se digna dar-me”.

Para Pe. Gaspar, portanto, o sofrimento é visto como uma escola que Deus está oferecendo a seu aluno; um tema muito querido a ele, porque grande parte de sua vida foi marcada por sofrimentos e dores de todo gênero.

Os longuíssimos anos de doenças não foram inoperantes. Era grande o numero de pessoas que recorriam a ele para um conselho ou direção espiritual. Ao seu quarto se achegavam

sobretudo sacerdotes; pessoas muitas vezes em dificuldade, que traziam aos seus pés dúvidas e contrariedades de todo gênero.

16. As graças obtidas por intercessão de Pe. Gaspar

Toda aquela estima e veneração que Verona dedicava a Pe. Gaspar ainda vivo cresceu de vulto após a morte. A procura de relíquias do venerando e virtuoso sacerdote prova esta afirmação. Mas não era apenas isto: fervorosamente, o povo de todas as classes invocava o exemplar ministro de Deus em todas as necessidades e apuros.

Evidentemente, os primeiros a honrar com sua devoção ao Pe. Gaspar foram os seus próprios filhos, que bem lhe conheciam a valida vivência cristã a que se tinha dedicado a vida inteira.

Como resultado de tanta devoção, vieram as graças, atribuídas à intercessão dele. Algumas podem considerar-se apenas graças mais ou menos comuns, se bem que valiosíssimas; outras dificilmente escaparão à qualificação de verdadeiros milagres. Vamos conhecê-las.

16.1. Graças alcançadas com Pe. Gaspar ainda em vida

Vejamos alguns casos de cura ainda durante a vida de Pe. Gaspar.

a) A cura do Pró-Vigario de Verona

Em 1833, Monsenhor Luís Castori, Pró-Vigario de Verona, chegou à beira da morte por uma grave enfermidade. Uma profunda amizade o ligava a Pe. Gaspar, que, sabendo da coisa, foi visitá-lo e deu-lhe a sua benção.

As condições do doente mudaram rapidamente e ele se encontrou logo são. A notícia se espalhou em breve por toda a província.

b) A cura da doença incurável

Era agosto de 1834 - escreve o Sr. Tubildini de Stallavena - quando meu filho Marino, ainda em tenra idade, depois de ter perdido a mãe, caiu gravemente doente. O médico que o tratava e lhe conhecia a extrema fragilidade declarou “incurável a doença e sem esperança a cura”.

O meu coração, magoado pela morte de outros meus filhos, temia perder também este. Lembrei-me então do que aconteceu a Monsenhor Castori. Mandei imediatamente pedir a Pe. Gaspar uma visita ao doente e fui ouvido.

Chegou, olhou-o, rezou e o abençoou, deixando-me cheio de esperança. Na manhã seguinte o médico encontrou completamente mudado o estado de saúde do menino. Depois de alguns dias de convalescença, ficou completamente curado”.

c) A cura do Pe. Jacomo Accordini

Pe. Jacomo Accordini, adoecendo gravemente, foi visitado por Pe. Bertoni, que o abençoou e o exortou a esperar em Deus. O enfermo recuperou em breve a saúde já desesperada.

d) A cura do médico dos Estigmas

O Dr. Francisco Vasani, médico também dos Estigmas, afirmou que somente graças à imposição das mãos de Pe. Gaspar e às suas orações foi miraculosamente curado de uma doença mental.

16.2. A cura da perna acidentada

A perna do filho havia sido acidentada. A mãe recorreu a Pe. Gaspar.

Procurando na Casa dos Estigmas uma relíquia dele, Pe. Marani lhe dá a que melhor se enquadra no caso. O problema era na perna? Pois bem, vá uma das meias do extinto. Acertou. Logo chegando à casa, a piedosa senhora entrega-a ao filho, que a calça e imediatamente se vê curado.

16.3. A cura do irmão do padre Estigmatino

O irmão do Estigmatino Pe. João Lona, menino de cerca de dez anos de idade, apanhou no pé direito uma doença que três médicos classificaram, na sua linguagem complicada, de ósseo-sinovite de articulação.

Dois meses de hospital, e nenhuma melhora. Três meses de tratamento em outro hospital, e nada de nada. Conclusão dos médicos: precisamos cortar-lhe o pé. Pe. João anima o doente a entregar-se ao Pe. Gaspar Bertoni e a fazer uma novena com a aplicação de uma relíquia.

Interrompidos todos os tratamentos clínicos, durou um mês o recurso a Pe. Gaspar. Depois, veio completa saúde, a ponto de impressionar os médicos, que evidentemente não podiam explicar pela ciência a plena cura da cárie do osso.

16.4. A cura dos furúnculos na cabeça

Em 1898 D. Joana Paolazzi sofreu uma proliferação de furúnculos no lado direito da cabeça. Também nesse mesmo lado, uma intensa dor no olho, que já não enxergava nada. O médico fez o tratamento, mas inutilmente. Ela pediu a intercessão do Pe. Gaspar Bertoni, através de uma novena. Antes de terminá-la, já estava curada.

16.5. A cura do garoto com nefrite aguda

João Zanotti, garoto de onze anos de idade, lá pelo ano de 1909 foi atingido por nefrite aguda. Tão aguda, tão grave, que os médicos não lhe davam muitas horas de vida.

Sem esperanças nos homens, recorreu-se à intercessão de Pe. Gaspar. Também aqui, antes de terminada a novena, o doente se recuperou.

16.6. A cura do estudante Estigmatino

Miguel Madrussi pertencia à congregação dos Estigmatinos, como estudante do seminário maior. Em 1915 foi acometido de pleurite acompanhada de violenta febre. Depois de algum tratamento, o médico achou necessário submetê-lo a uma operação.

Miguel preferia evitá-la, é claro. Recorreu a Pe. Gaspar. Quando, no dia seguinte, o cirurgião se dispunha a operá-lo, o enfermo já estava curado.

Examina de cá, examina de lá, a pleurite havia desaparecido como por encanto.

16.7. A cura do Sr. Raimundo Zanata

O Sr. Raimundo Zanata, residente em Santa Cruz das Palmeiras, no estado de São Paulo, chegou às portas da morte, atacado de uma nefrite complicadíssima. Muito sofrimento, muito tratamento, remédios, cuidados extremos... Tudo inútil.

Na Santa Casa de Casa Branca, onde fora internado, foi chamado o sacerdote para administrar-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos, a fim de confortá-lo naquele difícil transe.

O padre, Estigmatino, sugeriu o recurso ao Pe. Gaspar. De fato, na presença dos familiares e das Irmãs da Caridade, recitou-se uma oração ao Pe. Gaspar, solicitando a cura, já sem

esperanças nos meios humanos. Por duas outras vezes, o sacerdote lá voltou e recitou a mesma oração.

Depois disso, o doente percebeu que dentro de si acontecia uma coisa indefinível, esquisita. Julgava que fosse a aproximação da morte. Mas não era. Estava sarando milagrosamente. De repente, sentiu fome e desejou erguer-se da cama. Todos os sinais da doença tinham desaparecido de forma inesperada.

Isto sucedeu em 1950. A cura foi devidamente atestada pelos médicos e verificada pelas pessoas presentes, com extrema admiração de todo o mundo.

16.8. A cura do seminarista Estigmatino José Anselmi

José Anselmi, seminarista Estigmatino, depois sacerdote na congregação (e falecido em 15/03/1994, em Ribeirão Preto), tinha problemas de úlcera duodenal desde há muito tempo. Tratamentos, cirurgia, pouco adiantavam. O mal progredia e se agravava.

Em 1937, o estado do enfermo era muito angustioso, devido à perda de muito sangue, que ele punha pela boca. Por esse motivo, não foi possível operá-lo novamente, já com outras técnicas, mais modernas.

Resultado: nada feito, nem mesmo transfusão de sangue, devido a graves problemas circulatórios. O jeito era administrar-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos e colocá-lo nas mãos de Deus.

De seu lado, o doente ia piorando rapidamente. Já tinha entrado em estado de coma. Aguardava-se o desenlace de um momento para outro. Fora levado para a Santa Casa de Rio Claro, no estado de São Paulo, com o intuito de se lhe prestarem melhores atendimentos nos últimos momentos de vida.

Em instantes de consciência, teve ele a idéia de recorrer ao Pe. Gaspar. Nesse desejo, deglutiu uma relíquia dele. No mesmo momento, sentiu-se melhor. Sentou-se na cama. Quis comer. O médico não permitiu. O doente insistia. Por fim, o médico deixou-o tomar café com algumas fatiazinhas de pão com manteiga.

Logo o doente se pôs a passear pelo quarto. Julgaram que estivesse no último delírio antes da morte. Dormiu por algumas horas. Acordado, quis comer de novo. Estava com fome. O médico tirou o corpo. Comer? Não, não e não. Mas José Anselmi comeu, apesar de tudo. Nada de mal lhe aconteceu. Reconhecendo a cura, o médico lhe deu alta, surpreendido e maravilhado diante do que acabava de acontecer, frente aos próprios olhos. Nunca mais Pe. Anselmi sentiu qualquer incômodo relativo à sua velha e pouco saudosa doença.

16.9. A cura da queimadura grave

A narrativa a seguir é do Dr. Mário Moreira Neves, médico no Rio de Janeiro.

“Em 1981, durante uma cirurgia no coração, um mau funcionamento da chapa do eletrocoagulador ocasionou uma grave queimadura na zona glútea sacral, onde se formou um abcesso com cerca de 15 por 5 centímetros, com uma profundidade de 10 centímetros, com secreção purulenta, que exigiu drenagem.

Em fevereiro estava marcada uma cirurgia para resolver o abcesso. O paciente recebeu uma relíquia do Pe. Gaspar Bertoni e passou a usá-la nos momentos de dores intensas.

No dia 23, sua esposa foi fazer-lhe o curativo diário e... a gaze estava limpa, sem uma gota de pus, e a ferida completamente fechada”.

17. A Glorificação de Pe. Gaspar

17.1. O titulo de Venerável

Em 1899 encerrou-se em Verona o trabalho do Processo informativo Diocesano. Sua finalidade era colher todos os dados possíveis a respeito da fama e da real santidade de Pe. Gaspar Bertoni.

Alguns meses antes, como parte do processo, foi aberto o túmulo de Pe. Gaspar, para reconhecimento do corpo do extinto. Na verdade, o corpo estava inteiro e intacto, exceto as pernas, que apresentavam apenas os ossos. Isto tudo cerca de 45 anos depois de sua morte. Era muita coisa, ainda mais porque ele estava enterrado em um lugar úmido, onde devia ter sido fácil a decomposição do cadáver.

Enviado para Roma todo o resultado do Processo Diocesano, o Papa Pio X, que então governava a Igreja, ordenou o início dos debates e estudos para a beatificação de Pe. Gaspar. Era o ano de 1906. A partir desse momento, de acordo com a legislação eclesiástica então vigente, Pe. Gaspar passou a ser honrado com o título de Venerável.

17.2. A Beatificação

O processo foi continuado com altos e baixos, com avanços e recuos. Em 15 de dezembro de 1966 o Papa Paulo VI autorizou a publicação do decreto que proclamava heróicas as virtudes do Venerável Pe. Gaspar Bertoni.

Este ato foi um passo importantíssimo na árdua arrancada para a sua glorificação aqui na Igreja terrestre. Tal decreto reconhece que Pe. Gaspar viveu a vida cristã, praticou as virtudes cristãs de maneira muito acima da comum de todos os demais cristãos; viveu-as de modo extraordinariamente perfeito e exemplar.

Mas a caminhada do processo ainda não terminara. Prosseguiram exames de provas, debates, documentos, análises minuciosas e severas dos milagres atribuídos a ele.

Por fim, a primeiro de novembro de 1975, Festa de Todos os Santos, o Sumo Pontífice Paulo VI proclamou Bem-Aventurado o Pe. Gaspar Bertoni, em solenidade realizada na Praça de São Pedro, em Roma.

Daí por diante, cresceu ainda mais o fervor e a devoção para com o humilde servo de Deus, cristão genuíno, gigante na vivência cristã.

17.3. A Canonização

Em primeiro de novembro de 1989, o Papa João Paulo II, colocou o Pe. Gaspar Bertoni no rol dos Santos, provando assim que “Deus exalta os humildes”.

Os dois milagres aprovados para a beatificação e canonização aconteceram aqui no Brasil, mais precisamente em Rio Claro (veja 16.8) e no Rio de Janeiro (veja 16.9).

18. A Congregação de Pe. Gaspar

18.1. A aprovação oficial

Quando Pe. Gaspar faleceu, a sua congregação contava com pouquíssimos membros. Apenas sete sacerdotes e quatro irmãos coadjutores. Realmente, era muito pouco para se apresentar como congregação religiosa.

Nesse mesmo ano de sua morte, seguiam Pe. Gaspar para o céu um sacerdote e um irmão coadjutor. Resultado: ficaram somente seis padres e três irmãos. Este reduzidíssimo numero de elementos tornaram praticamente impossível a aprovação pela Santa Sé.

Entretanto, se o homem determina um caminho, Deus pode escolher um outro. Segundo os pareceres oficiais do Vaticano, antes de mais nada a congregação devia crescer. Depois se apresentaria para a aprovação.

Contudo, favorecida claramente pela Providência Divina, a congregação foi aprovada com decreto de louvor, principalmente por obra do extraordinário bispo de Verona, D. Riccabona.

O decreto traz a data de 16 de abril de 1855.

18.2. O desenvolvimento da Congregação

Conforme citamos acima (veja 18.1), quando Pe. Gaspar Bertoni morreu, em 1853, seus discípulos eram pouquíssimos. Mas era clara a consciência da vocação que, pelo seu fundador, lhes fora transmitida.

A partir da aprovação da congregação, em 1855, o instituto de Pe. Gaspar vem se desenvolvendo e difundindo pelo mundo.

Abrira-se somente uma casa depois dos Estigmas: S. Maria del Giglio, no bairro de Santo Estevão, sempre em Verona. Mas os “padres dos Estigmas” haviam recebido como herança do Pai o “mandato” Missionário “para a diocese e para o mundo”.

Bem depressa “as vocações começaram a aumentar”. Foi aberto o noviciado em Verona e logo havia treze noviços. As ordenações começaram a aparecer e as fundações de casas tiveram início em varias cidades da Itália: Trento, Bassano, Parma, Údine, Pavia, Gemona...

Em 1890 foram aprovadas as Constituições. Com o aumento de pessoal e a disposição de muitos, pensou-se em sair da Itália e da Europa.

Em 1905 o primeiro passo foi dado com a ida de dois confrades para os Estados Unidos, onde uma casa foi aberta em Scranton, para atender os emigrantes italianos.

Em 1910 dois padres e um irmão vieram para o Brasil.

Em 1925 foi aceita a Missão de Yihsien, na China. No fechamento desta Missão, em conseqüência da chegada das tropas comunistas, foi aberta a Missão na Tailândia (1952), e em seguida o horizonte missionário alargou-se com a abertura da Missão na África do Sul (1960), na Costa do Marfim (1967), na Tanzânia (1978), no Chile (1980), na Inglaterra (1972), nas Filipinas (1984) e no Paraguai (1995).

Na Itália há muitas comunidades ativas, inclusive em Roma, onde se encontra a Casa do Governo Geral do Instituto.

A benção que o Papa Pio IX deu à congregação dizendo: “CRESÇA O PEQUENO REBANHO” vem se realizando ao correr do tempo, seja para atender a escolas e à educação da juventude, seja para pregar missões populares, seja para acorrer e difundir o evangelho em territórios de missões; seja, enfim, onde os bispos precisarem de operários para a messe de Cristo e a congregação disponha de elementos para atender as solicitações deles.

18.3. A Congregação no Brasil

No dia dois de dezembro de 1910 os Estigmatinos chegavam ao Brasil nas pessoas dos Padres Alexandre Grigolli e Henrique Adami e do Irmão Domingos Valzacchi.

Depois de varias peripécias, estabeleceram-se em Tibagi, no Paraná, onde trabalharam por muitos anos na vastíssima zona rural, atendendo o sertão em lombo de animal.

Vieram para São Paulo, e, em Rio Claro (1915), começaram a construção de um Seminário, que foi inaugurado em 1925.

Em 1935 foi ordenado o primeiro sacerdote Estigmatino brasileiro, e a formação religiosa passou a ser toda no Brasil, pois até então os seminaristas iam estudar Filosofia e Teologia na Itália.

A partir daquele ano, a Congregação começou a expandir-se, e hoje conta com as duas Províncias, sendo a de Santa Cruz e a de São José.

A Província de Santa Cruz tem a sua Cúria Provincial em Rio Claro, SP, junto à Igreja Santa Cruz, e tem casas nos estados de São Paulo, Paraná e Bahia, e também nos países vizinhos Chile e Paraguai.

A Província de São José tem a sua Cúria Provincial em Goiânia e casas nos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Rio de Janeiro e também no Distrito Federal.

APÊNDICE I - Oração a São Gaspar Bertoni

São Gaspar Bertoni,
que vivestes numa consagração generosa a Deus,
fazendo sempre Sua vontade,
através do serviço ao povo, à juventude e ao clero,
intercedei por nós junto ao Senhor.

Através da escola do sofrimento
soubestes imitar a Cristo,
que sofreu, morreu e ressuscitou por nós.

Pedi a Nosso Senhor
para que também nos saibamos nos doar aos irmãos,
unindo nossos esforços e sofrimentos
na oferta generosa para implantarmos o amor e a justiça
na nossa família, na comunidade e na sociedade.

Alcançai-nos de Deus a graça...
e, especialmente, a de atingirmos o objetivo
de nossa caminhada com Cristo.

Amém.

(Com aprovação Eclesiástica)

APÊNDICE II - Oração Para Alcançar Graças de São Gaspar Bertoni

São Gaspar Bertoni,
vivestes desapegado dos bens terrenos,
entregaste-vos generosamente à Divina Providência
e trabalhastes unicamente para a glória de Deus.
Intercedei a Deus por nós,
para que tenhamos a coragem de afastar-nos
das coisas supérfluas e fúteis,
e assim possamos acolher com amor,
adorar com fé e executar com confiança
as disposições da Divina Vontade.

Alcançai-nos, pela intercessão de Maria Santíssima
e de São José,
aquelas graças que mais precisamos, especialmente...
e de chegarmos um dia a cantar convosco
o hino da eterna gratidão.
Pedimos também uma bênção toda especial aos jovens.
Vós, que fostes tão amigo da juventude,
preservai os jovens de hoje de toda a corrupção.
Que eles sejam atentos à voz de Cristo,
obedientes à sua vontade
e que um dia possam viver na Sua eternidade.
Amém.

APÊNDICE III - Datas Importantes Para a Congregação

1. Relacionadas à pessoa do Fundador, Pe. Gaspar Bertoni

Nascimento	09.10.1777
Batismo	10.10.1777
Ordenação para Sub-Diácono	09.03.1799
Ordenação para Diácono	12.04.1800
Ordenação Sacerdotal	20.09.1800
Celebrou sua última Missa	10.09.1843
Falecimento	12.06.1853
Recebe o título de “Venerável”	.1906
Proclamado “Bem-Aventurado”	01.11.1975
Canonizado	01.11.1989

2. Relacionadas à fundação e aprovação da Congregação

Fundação	04.11.1816
Decreto de Louvor pela Santa Sé	16.04.1855
Aprovação das Congregação	15.09.1890
Aprovação das novas Constituições	.1925

3. Relacionadas a outras obras do Fundador

Fundação do primeiro Oratório Mariano	11.06.1802
Abertura da Escola dos Estigmas	13.11.1816
Abertura da Igreja dos Estigmas	.1817

4. Relacionadas à expansão da Congregação no mundo

Chegada dos Estigmatinos nos Estados Unidos	.1905
Chegada dos Estigmatinos no Brasil.	02.12.1910

Abertura de missão na China	.1925
Constituição da **Província Sagrado Coração**, na Itália	.1942
Constituição da **Província Santa Cruz**, no Brasil, e da Província **Santos Esposos**, nos Estados Unidos	23.01.1944
Abertura da missão na Tailândia	.1952
Abertura da missão na África do Sul	.1960
Abertura da missão na Costa do Marfim.	.1967
Abertura de casa na Inglaterra	.1979
Constituição da **Província São José**, no Brasil	27.11.1979
Constituição da **Província Santa Maria da Esperança**, na Itália	.1980
Abertura da missão no Chile	.1980
Abertura da missão nas Filipinas	.1984
Abertura da missão na Tanzânia.	.1989
Abertura de casa em Botswana	.1993
Abertura de casa na Geórgia (Caucaso)	.1994
Abertura da missão no Paraguai	.1995
Constituição da **Vice-Província Santíssimo Redentor**, na África	.1995
Constituição da **Província Maria Estrela da Manhã**, na Tailândia	.1996
Abertura de casa na Índia	.2002

5. Relacionadas à expansão da Congregação no Brasil

Chegada dos Estigmatinos no Brasil: Pe. Alexandre Grigoli, Pe. Henrique Adami e Irmão Domingos Valzacchi	02.12.1910
Fundação da primeira casa, em Tibagi, PR	.1911
Fundação da casa de Rio Claro (SP), que mais tarde tornou-se o primeiro seminário Estigmatino no Brasil, chamado "Escola Apostólica Santa Cruz"	.1915
Inauguração do Seminário Estigmatino de Rio Claro - “Escola Apostólica Santa Cruz”	06.07.1924

Inauguração do prédio do “Colégio Santa Cruz” em Rio Claro	.1925
Fundação da casa de São Benedito, em Campinas	.1926
Primeira Ordenação de Estigmatinos em Ribeirão Preto: José Anselmi, João Avi, João Missoni, José Pasquali, Guilherme Decaminada, Paulo Campo Dall’Orto, Valdemar Darcie	15.08.1939
Inauguração do “Instituto Teológico Gaspar Bertoni, em São Paulo	14.07.1943
Constituição da Província Santa Cruz	23.01.1944
Inauguração do Seminário de Ribeirão Preto: “Instituto Missionário Gaspar Bertoni”	30.07.1944
Inauguração da imagem de N. S. das Graças no Seminário de Ribeirão Preto (sobre a caixa dágua)	15.08.1949
Instalação da nova Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Ribeirão Preto	29.03.1964
Constituição da Província São José	27.11.1979

APÊNDICE IV - Celebrações Especialmente Importantes Para a Congregação

Têm especial importância para a Congregação as seguintes celebrações:

Festa dos Esponsais de Maria e José: 23 de Janeiro

Pe. Gaspar Bertoni era devoto de Nossa Senhora e de São José. Juntando-se esta devoção em uma só, costumava celebrar, com grande devoção e recolhimento, a memória litúrgica dos esponsais de Nossa Senhora e São José, patronos da Congregação. Deixou esta herança aos seus filhos Estigmatinos.

Celebração da Paixão e Morte do Senhor: às Sextas-feiras

Pe. Gaspar tinha bem profunda no seu coração e na vida sua devoção à Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Fundador de uma congregação religiosa na Casa dos Estigmas, só podia mesmo focalizar com diligencia e sinceridade as Chagas ou Estigmas de Cristo. Assim, celebrava a Via-Sacra toda sexta-feira, mesmo que em cadeira de rodas, nas suas enfermidades.

Festa dos Sagrados Estigmas: Sexta-feira da 2ª. Semana do Tempo Pascal

Após a Sexta-feira Santa, em que a Igreja toda celebra a Paixão e Morte de nosso Senhor, segue-se a Páscoa, com a Solene Vigília no Sábado Santo e a Ressurreição no Domingo. A semana prossegue com a Oitava da Páscoa. Na sexta-feira seguinte os Estigmatinos reúnem-se para a celebração litúrgica dos Sagrados Estigmas, título da Congregação.

Solenidade de São Gaspar Bertoni: 12 de Junho

A Congregação celebra a festa de seu Fundador, em grau de solenidade, no aniversário de sua morte.

Festa da Exaltação da Santa Cruz: 14 de Setembro

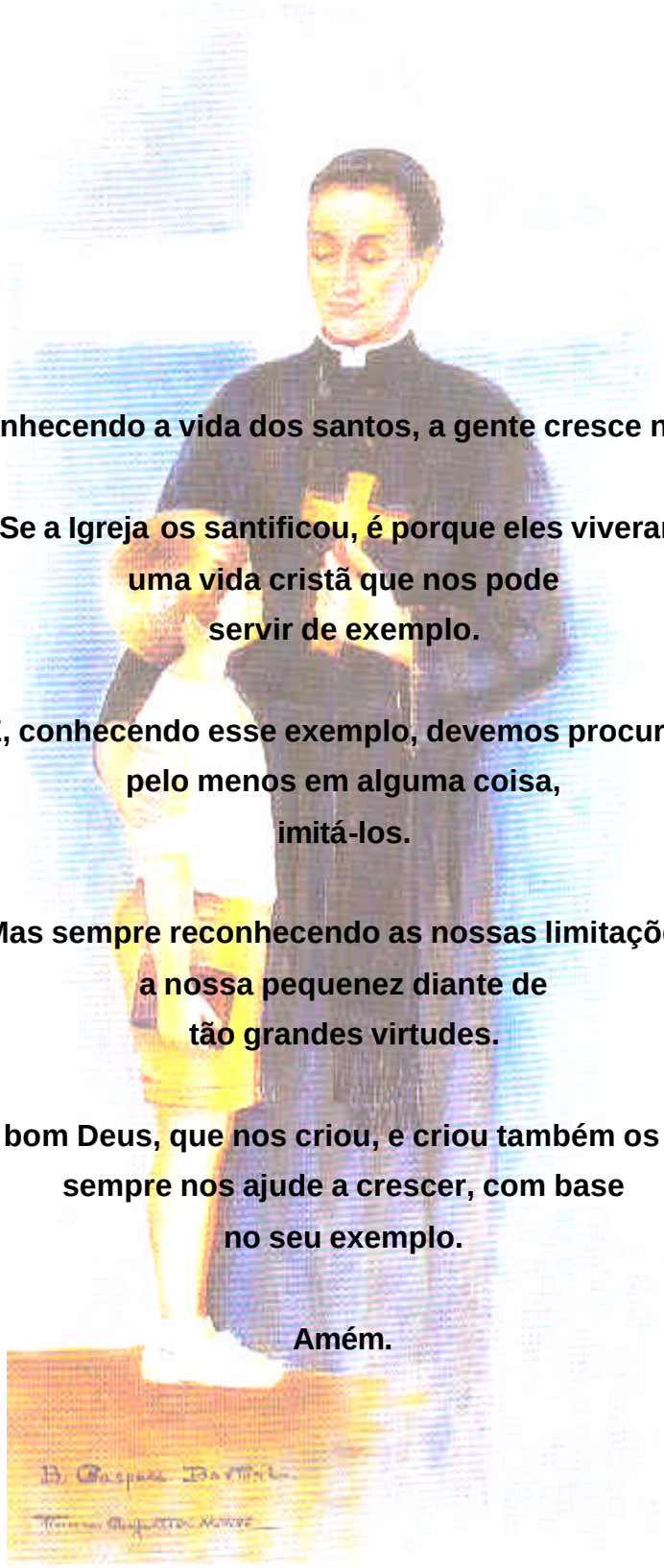
Com especial devoção a Província de Santa Cruz do Brasil celebra esta festa, que é título da Província.

Canonização de Pe. Gaspar Bertoni: 1º de Novembro

Celebra-se a canonização de Pe. Gaspar Bertoni pelo Papa João Paulo II no dia de Todos os Santos do ano de 1989.

Aniversário de Fundação: 4 de Novembro

Recorda-se nesta data a entrada de Pe. Gaspar com alguns companheiros no prédio dos Estigmas, no frio 4 de novembro de 1816, iniciando assim a primeira comunidade Estigmatina.



Conhecendo a vida dos santos, a gente cresce na fé.

Se a Igreja os santificou, é porque eles viveram
uma vida cristã que nos pode
servir de exemplo.

E, conhecendo esse exemplo, devemos procurar,
pelo menos em alguma coisa,
imitá-los.

Mas sempre reconhecendo as nossas limitações,
a nossa pequenez diante de
tão grandes virtudes.

Que o bom Deus, que nos criou, e criou também os Santos,
sempre nos ajude a crescer, com base
no seu exemplo.

Amém.